The background features a stylized illustration of a two-story house with a tiled roof and a decorative fence in front. The scene is set against a warm, golden-yellow sky, with orange and red autumn leaves falling from a tree at the top. The house has a sign that reads 'RUA HUMARCO' and a small plaque above the door. To the right, a sign for 'ACADEMIA LOUVEIRENSE DE LETRAS E ARTES' is visible.

ALLA VI COLETÂNEA

contos | crônicas | poesias | artes



PERFIL
EDITORIAL





ACADEMIA LOUVEIRENSE
DE LETRAS E ARTES

ACADÊMICOS ALLA

*Ana Laura de Carvalho Patrão
Aparecido Bi de Oliveira
Benedito Aparecido Corrêa
Carlos Miceli
Carlos Tiokal
Cida Reis
Darcio Calligaris
Diacuí Pagotti
Donizete Saraiva Deolindo
Eleide Reges
Erick Rolf
Fatima Lisboa
Gerson Domingos de Oliveira
Giovanni Cunha
Jorge Lemos
Júlia Fernandes Heimann
Lourival de Barros Santos
Marlei Camanches de Oliveira
Odete Moscospki
Onides Mazzo Soares
Robson Persan
Samuel Moscospki
Sandra Regina Rossi
Sonia Baldo
Ubirajara de Souza Tavares.*



 ALLA – Letras e Artes de Louveira

 allalouveirense.blogspot.com



 @perfil_editorial

 www.perfileditorial.com.br



ALLA

ACADEMIA LOUVEIRENSE DE LETRAS E ARTES

Foi criada em 26 de abril de 2015 com o objetivo de promover a cultura e respeitando a diversidade dos seus acadêmicos: poetas; teatrólogos; artistas plásticos e artesões.

Vinda de varias associações de escritores e artista da cidade, hoje se consolida como uma academia cada vez mais forte e atuante.

Nossa academia tornou-se realidade e nossos trabalhos estão sendo compartilhados, levando cultura para a nossa sociedade.



ALLA VI COLETÂNEA

contos | crônicas | poesias | artes



Perfil Editorial

Copyright© 2020 Academia Louveirense de Letras e Artes

Revisão:
3C Serviços Editoriais

Capa:
Perfil Editorial

Imagem de capa:
Sede da ALLA
Foto: Sandra Regina Rossi

Projeto gráfico e editoração:
Perfil Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

C198 Coletânea, v. 6: contos, crônicas, poesias, artes [recurso eletrônico]/
1. ed. [Coord.] Sandra Regina Rossi. Carlos Tiokal.
1. ed. – São Paulo: Perfil Editorial, 2020.
Recurso digital

Formato: e-book

Requisitos do sistema: app leitor de epub

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-65-5601-09-0

1. Coletâneas. 2. Poesia. 3. Contos. 4. Artes. 5. Pintura. 6. Crônicas
I. Rossi, Sandra Regina. II. Tiokal, Carlos. III. Título.

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletânea: poesia
2. Contos: crônicas
3. Artes: pintura

2020

Academia Louveirense de Letras e Artes
Facebook: escritoresdelouveira/

Perfil Editorial Ltda.
www.perfileditorial.com.br
@perfil_editorial

Prefácio

Quando recebi o convite para apresentar este livro, senti-me orgulhosa dos meus afilhados. Uma plêiade fantástica, que luta pela arte e forma com seus quadros e textos, retalhos de beleza singular.

Esta Coletânea valida a cada um, o título de artista. Na simplicidade e na fibra de quem ousa trabalhar com cultura, elemento primordial, em nossos dias conturbados.

Falar com a alma é para poucos. Extrair palavras e conceitos que exprimem sentimentos do âmago, em uma época triste, onde nos deparamos com lutos e incertezas, é de fato uma lição de ânimo, uma lição de fé.

Ao virar das páginas, belezas incontestáveis de singularidades ímpares, que cada um dos vinte e cinco artistas contam nesta VI Coletânea ALLA (Academia Louveirense de Letras e Artes), desnudando essências que voam no papel, céu de suas vidas.

Caro leitor, sorva deste livro o amor (in)contido, com a simplicidade dos que querem muito e vibram com as lições de cada retalho. Viaje no pensamento de cada autor que colore sua vida de arte, de paz e de amor.

Aline Romariz

Presidente do Portal do Poeta Brasileiro

Presidente Honorária da Associação Falantra (Itália) e

Madrinha da Academia Louveirense de Letras e Arte – ALLA

Sumário

Uma Crônica e 17 autores	11
Encontro - Em um novo amanhã.....	13
Ana Laura de Carvalho Patrão	17
Aparecido Bi de Oliveira.....	23
Benedito Aparecido Corrêa	29
Carlos Miceli.....	37
Carlos Tiokal	43
Cida Reis.....	49
Darcio Calligaris.....	57
Diacuí Pagotti	65
Donizete Saraiva Deolindo.....	75
Eleide Reges	83

Erick Rolf.....	87
Fatima Lisboa	95
Gerson Domingos de Oliveira.....	103
Giovanni Cunha.....	111
Jorge Lemos (in memoriam)	115
Júlia Fernandes Heimann	121
Lourival de Barros Santos	129
Marlei Camanhas de Oliveira	135
Odete Moscospki.....	141
Onides Mazzo Soares	147
Robson Persan	151
Samuel Moscospki.....	157
Sandra Regina Rossi	161
Sonia Baldo	167
Ubirajara de Souza Tavares	175

Uma Crônica e 17 autores

Quando o mundo parou por causa da pandemia, mas a inspiração não, a Academia Louveirense de Letras e Artes, aproveitou para preparar a sua VI Coletânea.

Além das poesias, contos, crônicas e artes de cada um dos acadêmicos, decidimos escrever uma crônica com a inspiração de 17 autores.

Para extravasar todo o sentimento contido, elegemos um tema e cada um dos 17 autores escreveu uma frase, de forma que sucessivamente, o texto tivesse sentido, e que cada um pudesse deixar uma mensagem de amor e superação, para transformar um momento difícil em algo doce e cheio de imaginação.

Então inspirados no tema "ENCONTRO – Em um novo amanhã", e na ordem em que foi escrito, os autores de cada frase:

Fatima Lisboa;

Samuel Mokospski;

Odete Moskospski;

Júlia Fernandes Heimann;

Darcio Calligaris,
Sandra Regina Rossi;
Onides Soares;
Hercílio Soares;
Donizete Saraiva Deolindo;
Eleide Reges;
Carlos Miceli;
Carlos Tiokal;
Robson Persan;
Gerson Domingo de Oliveira;
Cida Reis;
Marlei Camanhas de Oliveira e
Sonia Baldo,

Convidam você leitor, a se deliciar nesse mar de sentimentos e fazer uma viagem inesquecível.

Sandra Regina Rossi

Presidente da ALLA – Academia Louveirense de Letras e Artes

Encontro - Em um novo amanhã

*A*manheceu. Ao abrir a janela, a leve brisa causa sentimento de ausência dos compromissos, conversas altas, apertos de mão, abraços que me aqueciam com o calor do seu coração e hoje me sinto tão só. O meu pensamento vai pontilhando a dor da saudade.

Mas todos os dias temos um novo amanhecer, o tempo transforma tudo, é maravilhoso sentir saudades. Quando sentimos saudade, é porque muito se amou.

Sentir saudade é reviver momentos felizes, é fazer renascer um amor que permanecia quieto. A natureza não dá saltos e, quando for o tempo certo, surgirá um novo amanhã e todos nós encontraremos o caminho para juntos comemorar com alegria a lembrança do que passou.

Estejamos atentos para a chegada do novo. Mas, quando o novo chegar, é importante que nós também tenhamos renovado o nosso modo de encarar a vida, que sejamos mais solidários e fraternos com o nosso próximo.

Que a esperança no amanhã seja a melhor maneira de terminar com essa tensão, com essa insegurança, com os medos. Que nos conduza pelos caminhos de fé e esperança...

Esperanças que foram despertadas por meio das frestas daquela janela. Reiniciando uma trajetória, direcionada a um novo encontro, em virtude dos frutos, que por nós já estão sendo colhidos.

Ah!

Essas esperanças!

Essa trajetória!

Depois daquele encontro emocionante, lá se foram todas as minhas ausências, minhas carências e a dúvida da verdade com aquele calor. Aí, sim, veio a confiança no amor.

E tempos melhores virão.

E, com eles, a certeza de que mesmo passando por momentos difíceis, estaremos renovando nossa convivência e nossas vidas.

Mas a ausência dos compromissos, que acabará em breve, servirá para refletirmos como seremos e o que deixaremos para o futuro.

Mas e se o futuro for hoje?

E se essa angústia, essa tristeza e essa desolação já for o futuro?

Vendaram meus olhos.

Tiraram meu chão.

Já não tenho pão.

O futuro é aqui e agora.

Oh meu Deus!

Que o Senhor nos dê a sabedoria para lidar com cada momento porque a vida é cheia de surpresas, como uma caixinha de música. Apesar de todas as tristezas, no final, a bailarina sairá dançando e alegrando nossos corações.

E toda a experiência vivida... O suspiro de alívio, de uma página virada, a esperança nos trará o reencontro e ouviremos a melodia. Melodia que irá nos mostrar a quão bela é a vida: observando o orvalho caindo; as flores se abrindo; os pássaros voando e o Sol iluminando tudo ao nosso redor. A melodia foi interrompida, mas, como uma canção cheia de palavras motivadoras, se abrirá um novo caminho e todos os encontros e desencontros se revestirão em novos sonhos que permanecerão vivos dentro de nós aguardando o tempo e a oportunidade. É preciso preservar a fé. Deixar o coração de portas abertas para estarmos prontos com o sincero sorriso. Com o calor afetuoso do abraço. Com o afável aperto de mão, com a dignidade do respeito. Com a paciência do amor. Com a cumplicidade de poetas. Com a bênção da inspiração transformando a magia das palavras para que nosso encontro tenha sempre a ternura da poesia.



*Ana Laura
de Carvalho Patrão*





*“A tarefa de viver é dura,
mas fascinante”.*

Ariano Suassuna

Natural de São João da Boa Vista-SP.

Mora em Louveira desde 1970. Professora aposentada lecionou na EEPSEG “Prof. Joaquim Antônio Ladeira” durante vinte e um anos. Escritora e poeta, em Louveira no ano de 2014 participou da Antologia “Passagem para um Sonho”.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 09, tendo como Patrono Ariano Suassuna.

Folice

*N*ão seja tolo.

Seja inteligente

Pois essa vida é incongruente,

Ainda tens muito a aprender.

Aprenda!

Aprender versos e rimas,

Ainda será essa nossa sina?

Ou um escorpião a nos picar

E a nos comer?

Manhã

*A*manheceu.

Eu dormi noite mal dormida,
Entreguei sorte à própria vida,
Não caí em braços de Morfeu.
Outra vez voltei à esperança,
De voltar a ser criança,
Não mais chorar.
Sem chorar.
Os prantos meus.

Vestido Rendado

*M*oça bonita do vestido rendado

Tirou sua roupa do armário,

Pôs-se a se enfeitar.

Pôs um disco na vitrola,

Começou a dançar.

Dançou valsa longa,

Bailou como louca,

Só para recordar.

De tempos de antanho,

Quando ainda era moça,

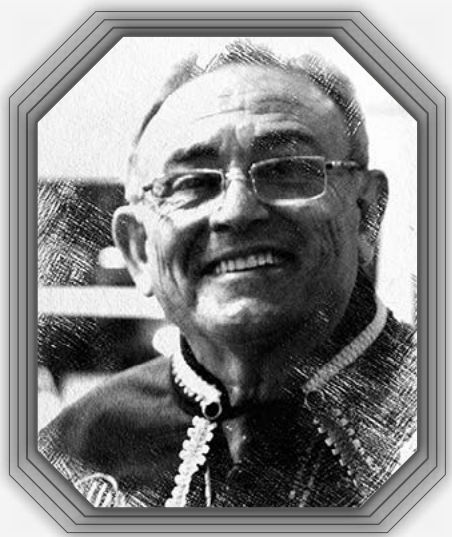
Teve que lembrar.

Lembrar do passado,

Hoje sufocado,
Em seu coração.
As rugas da face,
Cabelos já brancos,
As faces rosadas
Ela não as tem não.
Vestida de branco
Seus olhos tão francos,
Ainda brilham de amor.
Amor recolhido,
Que como o vestido,
Fez dela uma flor.

Aparecido Bi de Oliveira





*Edilson Camargo Caldeira,
foi Secretário da Cultura de
Louveira de 24 de Março até
17 de Dezembro de 2014.*

Natural de Indaiatuba-SP. É escritor e poeta com participação nos livros "O Galo de Rocinha"; "Eu amo Vinhedo"; "Antologia poética - Mogi das Cruzes 450 anos"; "Desperte o poeta que existe em você" - Jundiaí; "Antologia do Clube de Escritores de Vinhedo" e no Projeto "Mil Poesias para Gonçalves Dias" no estado do Maranhão, recebendo uma comenda.

Membro da Academia Metropolitana de Letras, Artes e Ciências – AMLAC – Vinhedo.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 35, tendo como Patrono Edilson Camargo Caldeira.

Mãe Humilde

Baseada e inspirada na composição musical Gente Humilde, dos autores Vinicius de Moraes, Francisco Buarque de Holanda e Aníbal Augusto Sardinha.

*T*em certos dias em que eu penso em minha mãe,
e sinto assim todo o meu peito se apertar.
Porque me lembro daquela meiga criatura, que es-
tava sempre pronta a me abençoar.
Igual a tantos que não tem mais sua mãezinha,
tenho saudades dela e chego até chorar.
E aí me dá uma boa inveja dessa gente, que a tem
viva, e só tem motivos pra se alegrar.
Eu a imagino na cadeira da calçada, minha humilde
mãe, lá no nosso simples lar.
E na varanda, flores tristes e baldias,
Zelando por nós, sem nunca reclamar.
Dizem que ser mãe é sofrer no paraíso, na árdua ta-
refa de cuidar e nos amar.
E eu que creio, peço a Deus por todas as mães, saúde
as vivas, e as que foram, no céu um bom lugar.

As Corujinhas das Minhas Caminhadas

*E*u vejo aquelas lindas corujinhas,
que estão sempre ao lado da calçada.
Sempre estáticas me olhando,
quando das minhas caminhadas.

A moradia dessas avezinhas,
situa entre o rio, a grama e a calçada.
Com seus encantos misteriosos e caladas
Parecem enfim, criaturas amestradas.

As pessoas que por elas passam,
ao vê-las ficam amedrontadas.
Pois não sabem as reações,
das corujinhas de minhas caminhadas.

Porém, eu que estou habituado,
fico apenas muito admirado.
Passo por elas quase despercebido,
Fitando-as, mas sempre acautelado.

Quarentena

Nesses dias da quarentena,
que fiquei no isolamento.

Passou por minha cabeça, angústia, dores e
sofrimentos.

Porém me ensinou tantas coisas,
Que delas tirei proveitos.

Saber como é triste ficar sozinho, longe dos
abraços, beijos e carinhos.

Mas as lições ora deixadas,
Compensam o penoso distanciamento.

Provando que o homem vindo de Adão

Não é nada propenso à solidão.

Meditei e orei muito nesse período,

Pedindo em prol da humanidade ao Pai querido,
que afasteis de nós a terrível pandemia, para
voltarmos às ruas sem medo, com paz e alegria.

*Benedito
Aparecido Corrêa*





*“Aqui estou meus velhos
companheiros, olhem pra cima
pra me ver passando em meu
cavalo, raio de luar”...*

José Fortuna

Natural de Cabreúva-SP. Reside em Louveira desde 1958.

Poeta participou de outras coletâneas. Colunista no jornal
“Folha Notícias” – Louveira/Vinhedo.

Foi radialista pela Rádio FM Santos Dumont de Jundiáí.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes
– ALLA ocupando a cadeira nº 20, tendo como Patrono José
Fortuna.

O Dom da Inspiração

A memória do poeta

É igual uma nascente

Quanto mais retira água

Mais aumenta a vertente

O poeta é a mesma coisa

Ao fazer suas poesias

Quanto mais ele compõe

Mais inspirações ele cria

Eu comparo isso comigo

Quando estou fazendo versos

Quanto mais fico pensando

Mais eu tenho privilégio

Ser poeta e dom de Deus
As letras vêm naturalmente
Só de olhar para a natureza
Já surgem palavras na mente

Para o poeta não tem momento
A poesia surge de repente
Quando menos ele espera
Já está no seu consciente

Eu amo compor poesias
Poemas, cânticos, melodias
Meu dom é uma vertente
De água pura cristalina

Tudo é por Deus

*M*adrugada fria

Com vento gelado

Lua embaçada

Pelo céu nublado

Amanhece o dia

Surge um clarão

O sol resplandece

Na imensidão

As nuvens se vão

O céu aparece

Ficando o infinito

Num azul-celeste

Seus raios brilham
No seio da terra
Novo dia nasce
E a vida prospera

O frio vai embora
O vento se acalma
O sol nos aquece
Vitaliza a alma

Tudo é por Deus
Ele sabe o que faz
É só crer e ter fé
Agradecer e nada mais

Meu nome é Jardim

Eu tenho dentro de casa

Muitas flores: sou o jardim

Vivo sempre rodeado

De cores perto de mim

O meu lar é enfeitado

De belezas por todos os lados

Vou dizer o motivo delas

Para ninguém ser enganado

Minha esposa se chama Rosa

A mãe dela é Margarida

Três (ilhas maravilhosas)

As minhas flores preferidas

A mais velha é Hortência

A do meio é Orquídea

A mais nova Açucena

A caçulinha querida

Os meus dois primeiros filhos

São gêmeos com muito orgulho

Um deles se chama Lírio

O outro se chama Antúrio

De todos que eu já falei

Só me falta a prima Vera

Que vem nos fins de semana

Visitar as primas dela

Carlos Miceli





*“Quando uma árvore é cortada
ela renasce em outro lugar.
Quando eu morrer quero ir
para esse lugar, onde as
árvores vivem em paz”.*

Tom Jobim

Natural da capital de São Paulo. Desde 2010 reside e tem seu estúdio em Louveira. É compositor e artista plástico. Economista com Pós-Graduação em Administração de Recursos Humanos pela FAAP e diversos cursos livres, entre eles o de História da Arte no MAM-SP. Participou de várias exposições individuais e coletivas e teve obras premiadas. Participou da II Bienal Internacional de Arte Gaia 2017 em Portugal. Foi membro de júri de Salões de Artes Plásticas. Participou com seus poemas de outras coletâneas. Produziu dois discos com suas composições.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 33, tendo como Patrono Antônio Carlos Jobim.

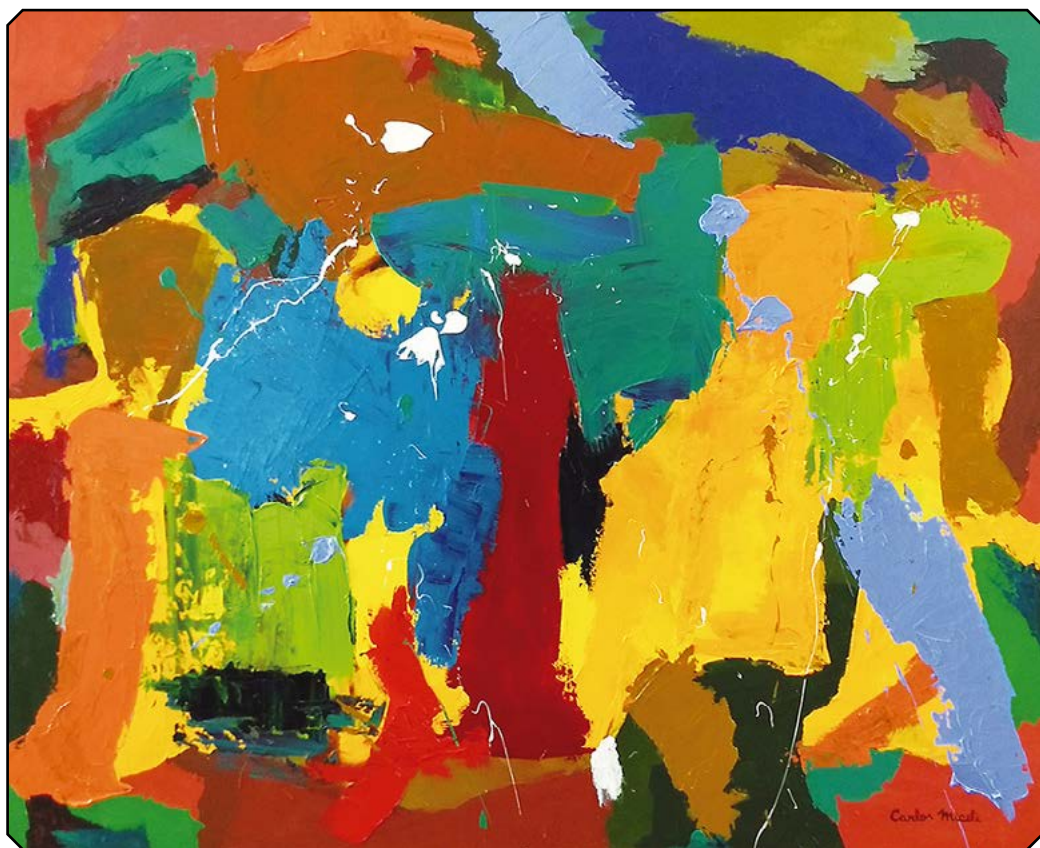
Ainda Quero

*H*oje quando paro pra pensar
Que a vida nos deixou
Bons momentos pra lembrar
De um tempo que a gente se amava
Que você me procurava
E que me dava valor
Agora somos sombras do passado
Querendo deixar de lado
Toda a mágoa e o rancor
Quem dera possa ter uma esperança
De uma vida em que a lembrança
Tenta ainda nos mostrar
Espero que você ainda queira

Resgatar um sentimento
Que o tempo tentou apagar
Quem dera que a vida ainda possa ser bela
Que eu possa estar juntinho dela
E a alegria retornar

(Poema musicado pelo autor. Faz parte do seu
1º disco – Samba e Bossa de Carlos Miceli)

Espontaneidade



AST 0,80 x 1,00 - Carlos Miceli



Carlos Tiokal





*“Eston cego de saudade
pelos olhos sens”*

Noel Rosa

Natural de Cristina-MG. Foi criado em Campinas-SP e desde 2007 reside em Louveira. Bancário aposentado e pedagogo. Escritor participou de varias coletâneas em Louveira-SP.

Das coletâneas “nossos amigos animais” (Editora In House) e “Antologia de Verão” (Perfil Editorial).

Realiza pesquisas sobre a música popular brasileira.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 30, tendo como Patrono Noel Rosa.

Chronica archaica

*F*oi numa ballada de fim de anno que,
diante de tanta beleza,
decidi-me approximar e
supplicar os teus sentimentos.
Prenunciava o seculo XX.
Contava eu pouca idade.
Epocha que deixava o gymnasio
para continuar no collegio.
Não me concentrava muito em
chimica e phisica,
somente attentava-me a literatura.
A cabelleira della, loura,
cahindo em suas coradas faces.

Seus olhos de chrystaes azues,
sua boca carmim, me atrahia.
Convidei-a a fazer um foot pela praça,
a qual respondeu-me um sim.
Crianças bricavam próximas fazendo balbúrdia,
mas você só ouvia meus "ais".
Registramos em uma photographia
nosso enlace. Augurando-me esperanças
e augmentando as batidas do meu coração.
Sem sahida calou-me com um casto beijo.

Rotina

*D*ormi com a janela aberta

e a claridade matinal tocou meu rosto.

Fiquei por alguns minutos olhando para o nada,
pensando.

Me espreguicei ainda deitado,

naquela sensação gostosa de ter dormido por muito tempo.

Não queria me levantar.

Aproveitei o silêncio da manhã para meditar.

Afinal, para mim, todos os dias são iguais.

Preciso cuidar mais de mim – penso.

Crio coragem, me levanto, dou uma olhada rápida
nas mensagens, tomo meu desjejum.

Me jogo no sofá, olho as mensagens novamente,
vejo as notícias,

Consulto o clima.

Abro a persiana e vejo o tempo.

Crio coragem, procuro algo para fazer.

Olho as mensagens e caio na mesma rotina.

Velando

*M*e faz bem me apaixonar, mesmo sabendo

que não dará em nada.

Exercita meu coração, dissimulado que é, vive adormecido.

O tempo passa e eu preciso amar.

Preciso me preocupar com alguém, resolver os seus problemas.

Abraçar, apertar no meu peito e te ninar.

Ver seus olhos fechados, sentindo a segurança de alguém com que possa contar.

Contornar seu rosto lindo com as mãos, beijar seus lábios candidamente.

Sentir sua respiração...

Te envolver em meus braços, deixar seu corpo que, cansado, adormece profundamente.

Sentir seus espasmos calmo deixando seu corpo leve.

Ver a mioquimia dos seus olhos e o semicerrar da sua boca.

Olhar fixamente tentando acreditar que tudo aquilo será meu.

Mesmo que por poucas horas.

Cida Reis





*“A leitura é uma fonte
inesgotável de prazer,
mas por incrível que pareça
a quase totalidade
não sente esta sede”.*

Carlos Drummond de Andrade

Natural de Valinhos-SP. Formada em Comunicação Social.

Trabalhou na área administrativa e por vários anos atua no serviço público. Escritora, tendo participado de outras coletâneas.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 28, tendo como Patrono Carlos Drummond de Andrade.

À Espera

A noite estendia-se num breu absurdamente apavorante e eu à procura de um abrigo, quando entrei naquele lugar.

Senti um arrepio na espinha, estava escuro e frio, algumas gotas caíam sobre os meus ombros, chovia torrencialmente lá fora.

Não conseguia enxergar quase nada, mas, de repente, senti a presença de alguma coisa estremeci, mas com muito custo percebi que o local estava infestado de ratos.

A chuva não passava e o frio intenso congelava o meu rosto e a noite parecia não ter fim.

Depois de um longo tempo ali senti no ar um perfume de flores.

Mas de onde vinha aquele cheiro intenso?

Não havia nada ao redor daquele o lugar... era tão ermo.

Mas uma vez estremeci e outra presença se fez muito forte, no fundo daquele galpão vi uma pequena luz vindo na minha direção.

E então ouvi

Emma sou Emma... foi assim... o som vinha de uma voz trêmula e amargurada.

Uma mulher envolta numa echarpe negra, naquele lugar abandonado e sujo.

Quase tenho uma parada cardíaca... o medo tinha invadido o meu corpo e a minha alma, fiquei paralisada pelo medo.

Numa pausa o silêncio me pareceu infinito porque o pavor era tanto que meus dentes pareciam que iam estourar de tanto baterem um no outro.

O pavor tomou conta mim!

Me perguntei quem era aquela mulher e o que ela fazia naquele lugar assustador. Ousava me perguntar mentalmente, mas não queria ouvir a resposta.

Mas alguns minutos a luz se fez mais forte, aí então pude ver os traços daquela mulher chamada Emma.

Meu coração pulsou com tanta intensidade que eu podia senti-lo por todo o meu corpo.

Emma se aproximou e indagou sua situação... Estou presa nesse lugar há mais de quarenta anos.

Meus Deus!! pensei comigo.

Um grito saiu da minha garganta naquele exato momento e ecoou, fazendo todos os ratos desaparecerem.

Pânico total, meus pés não se moviam, eu queria fugir, mas parecia uma estaca enfincada no chão.

Ela ali, me olhando fixamente, com aqueles olhos de súplica.

Eu teria que descobrir qual era sua história.

Presa, morta, uma história inacabada.

Foi quando ela contou sobre o seu assassinato e quem tinha feito aquilo com ela... ele se chamava Carlos Mointer.

Quase morro outra vez!

Mas atentamente a ouvi...

Pobre Emma era tão bela e sem família, extremamente só.

Foi o ciúme dele que a levou à morte.

E, naquele lugar sombrio, úmido com apenas uma fresta de luz, avistei um papel dobrado e amarelado pelo tempo.

O perfume de gardênia se fez ainda mais forte naquele lugar tão inóspito.

Peguei o papel! Nele tinha o nome e o endereço de Carlos Mointer.

Passados alguns dias, até eu me recompor daquele pavor... não tive dúvidas e fui atrás de Carlos para lhe entregar aquele bilhete.

Cheguei ao endereço e um senhor muito debilitado fisicamente, mas com uma memória plena, me atendeu no seu portão.

Eu disse que tinha que lhe entregar algo... ele me convidou a entrar.

Então dei a ele o bilhete... ele colocou os seus óculos e imediatamente reconheceu a caligrafia e sua fisionomia mudou na hora.

Era uma letra feminina, escrita com caneta tinteiro.

Ele olhou para mim como um acusador e exclamou:

Que brincadeira é essa?!

Eu olhei diretamente nos seus olhos e disse foi Emma quem lhe mandou esse bilhete.

Naquele exato momento, o perfume de gardênia tomou conta da casa de Carlos.

A luz e o clarão quase nos cegaram e Emma se fez presente.

Carlos, ao ver e sentir tudo aquilo e com as mãos trêmulas, soltou o bilhete.

Caiu no chão... e dos seus lábios só saíram vezes seguidas: me perdoa, me perdoa.

E, então,

Carlos ali caído, no instante seguinte morreu.

Aquela luz se apagou, o perfume foi ficando cada vez mais fraco.

Carlos não chegou a ler o bilhete...

Então eu li, estava escrito assim:

Carlos,

Eu nunca entendi o que me fizeste.

Amor não se mata, mesmo tentando... ele nunca morrerá.

Eternamente,

Emma

Rebobinando

*L*á estava ela absorvida nos seus pensamentos...

Refletindo, sentido e revivendo a trajetória da sua vida.

A memória trouxe seu passado para o presente, como se fosse um filme repetido.

Ela rebobinou tudo e deu o play.

Fazia uma reflexão enquanto revia.

Pode ver seus acertos e os seus erros.

Notável Maria! Chorou e lamentou por não tentar coisas que ficaram para trás no seu caminho

Desistiu... sem saber o quanto ela era forte.

Sentia uma sensação involuntária de que não iria conseguir dar conta de tudo que a vida a cobrava.

Maria rebobinou novamente o filme. Em alguma época da sua vida encontrou a razão e também a sua fortaleza então descobriu.

Maria trazia no pescoço um colar... um enfeite... um pingente com três bonequinhos que representavam a quantidade de seus filhos.

Moda daquela época.

Era o peso e a valia de cada um deles dos seus três meninos.

A mais pura entre todas as joias!

Maria se perguntava:

Como era possível ser tão forte e amar daquele jeito?

Na sua humilde concepção de vida, ela pensava que uma coisa não casava bem com outra!

Fortaleza e amor! pareciam distintos como dois pesos e duas medidas.

Bela Maria... bobagem.

Então ela riu de si e seguiu a vida.

E foi assim que ela viveu o mais puro do amor... nada efêmero, pois esse amor se eternizou.

Sem dúvidas ela teve outras fases de alegrias, outras de tristezas, de despedidas que lhe causaram incompreensão.

A vida dela foi assim...

Histórias repetidas de muitas Marias.

E como mensurar seus mistérios, suas forças, suas incógnitas, benditas são as Marias de A a Z.

Darcio Calligaris





*"Que ninguém doma um
coração de poeta".*

Augusto dos Anjos

Natural da capital de São Paulo. Farmacêutico bioquímico formado na USP – Universidade de São Paulo.

Durante 40 anos atuou em indústria farmacêutica, transferindo tecnologia e formando mão de obra. Professor universitário por 20 anos. Ministra palestras e cursos de especialização. Autor do livro: *Farmacotécnica* "Revestimento de Formas Farmacêuticas", o segundo nesta área publicado no Brasil.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 13, tendo como Patrono Augusto dos Anjos.

Lembranças

O que fazer quando querem te fritar

Um jovem perdido na floresta, já cansado, foi encontrado por índios antropófagos, que não falavam a sua língua.

Como ele não entendia o que os indígenas falavam e aprendeu que, antes de abrir a boca, tinha que pensar no que ia dizer, ficou em silêncio e foi levado pelos índios para a aldeia, sem saber que ele iria ser o jantar para toda a tribo.

O jovem foi amarrado em um troco de árvore, servindo de visita para toda a tribo como se fosse um troféu.

O chefe da tribo se aproximou do jovem e falou em uma linguagem estranha, o jovem ficou confuso e se lembrou de uma frase: "O sábio tolera tudo sem dizer uma palavra. E como não entendo o que ele diz vou permanecer quieto."

De repente ele riu de si mesmo, da situação, e do espanto que ele causou no chefe da tribo que, sorrindo, lentamente se afastou.

Amarrado ao tronco da árvore e sendo olhado por vários índios, começou a pensar:

Não devia ter feito aquela promessa que fiz a meus pais e que não pude cumprir, nunca mais farei promessas, prometi que não viria caçar na floresta e aqui estou perdido e em companhia de indígenas que me fazem prisioneiro.

Não vou me queixar, nem ao menos tem alguém para me queixar, creio que assim não criarei uma energia negativa que deixaria os índios irritados.

Como não tenho saída vou desejar sucesso para mim mesmo, pois quem deseja sucesso atrai sucesso, quem deseja fracasso atrai fracasso.

Vou também ser humilde com os indígenas, pois se eu me mostrar superior e prepotente, farei com que os índios se irrite comigo e estarei em grandes dificuldades.

Com confiança vou procurar manter minha paz interior, não vou me comprometer facilmente agindo de maneira precipitada, pois não tenho consciência profunda da situação, e realmente não sei considerar tudo o que se apresenta para tomar uma decisão.

Não vou julgar ou criticar mentalmente esses inocentes e com sua cultura própria. Essa é minha opinião pessoal, vou ficar na minha, não vou forçar, manipular ou controlar.

Vou deixar que eles resolvam seus problemas em relação a minha pessoa, e eu vou ficar aqui concentrado pedindo mentalmente que nada de ruim me aconteça.

Vou procurar fazer com que os índios percebam suas próprias virtudes e qualidades.

O chefe da tribo voltou com dois assistentes e soltaram as cordas do jovem e o cutucaram com suas lanças, o jovem gritou de dor, os índios olharam para ele, vendo seu olhar de dor, repetiram a cutucada.

Nessa segunda vez, o jovem gritou mais forte e já imaginava que em poucos momentos estaria morto.

Os índios vendo tal situação começaram a rir entre si, talvez devido à forma com que se contorcia, o jovem já não entendia mais nada e estava sentindo muita dor.

Após uma pequena reunião os indígenas decidiram que iriam promover uma luta entre o jovem e um dos membros da tribo em iguais condições físicas.

Entretanto, o jovem se recusou a lutar, pois se lembrou de que uma competição só gera conflitos e como também não sabia lutar resolveu corajosamente ficar de costas a seu opositor deixando-o sem ação, esperando que a luta fosse cancelada.

Sem piedade, o opositor cravou sua lança nas costas do jovem fazendo-o cair morto e servir de jantar para toda a tribo.

Essa história mostra que, apesar de todo conhecimento adquirido e aplicado pelo jovem, ele não teve êxito porque estava em um ambiente onde as leis, a cultura e os costumes eram outros, entretanto, iria sofrer muito não tivesse aplicado os conhecimentos adquiridos nos quais ele refletiu enquanto estava amarrado.

Conclusão: se quiserem te fritar, irão te fritar, portanto, comporte-se como o jovem perdido na floresta e não es quente a cabeça.

Haikai

*P*ara as pessoas

1. Que estão caindo
Devemos estender as mãos.

Experimentando as dificuldades

2. Aprendemos a fazer
As melhores escolhas.

Sentimentos elevados

3. Provocam
Resultados positivos.

Nossas ideias

4. Não devemos impor
Para as pessoas.

Ser Feliz

5. É fazer o melhor
Com o que a vida nos dá.

As rosas perfumam o ar
6. As estrelas brilham no céu
E eu fico feliz a te esperar.

Nossas almas
7. Com a prática do perdão
Amadurecem.

Nossa vida
8. É curta
Vamos amá-la.

Evitamos a influência do mal
9. Eliminando-o
De nós mesmos.

O mal não conseguirá perturbar
10. Um coração
Sintonizado no bem.

A serenidade

11. Alegria e bom animo
Nos fazem felizes.

Bons pensamentos

12. Comportamento equilibrado
Atraem boas energias.

Diacni Pagotti





*“A natureza é sábia e justa.
O vento sacode as árvores, move
os galhos, para que
todas as folhas tenham o seu
momento de ver o sol”.*

Humberto de Campos

Adélia Diacuí Cruyer Fontonatt Pagotti é natural de Araçoiaba da Serra, interior de São Paulo. Filha de pais circenses, está radicada em Louveira desde 1972. Participou de outras coletâneas, incluindo *Escritores Brasileiros*, lançada em Lisboa, Portugal, em 2016. Membro-Fundadora da Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA).

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 16, tendo como Patrono Humberto de Campos.

Meus Medos

*V*isitando as páginas de minha memória, trouxe para o presente um momento da minha infância, vivida com meu pai, um homem que era bastante sisudo e severo – apesar de deixar aflorar vez ou outra o seu lado brincalhão. Lembro que ele vivia testando a coragem dos filhos e de alguns de seus funcionários. Inúmeras vezes, ao entardecer, estendíamos tapetes no chão e sentávamos todos ao redor dele. Não demorava muito e ele começava a contar seus causos até altas horas da noite. A maioria era de terror para que, segundo ele, perdêssemos nosso medo – mamãe, não poucas vezes, o repreendia sobre esse seu “método pedagógico”. Apesar disso, ela preparava um delicioso chocolate quente de família pobre, preparado apenas com água. Quanto a nós, crianças, mal podíamos esperar aquele momento de que gostávamos tanto; o único problema era que, ao contrário do que papai esperava, tornei-me uma criança assustada, uma adolescente receosa e agora uma adulta medrosa.

Ainda adolescente nos mudamos para um minúsculo bairro de uma pequena cidade do interior. Consegui emprego em um escritório que se escondia atrás de

um posto de gasolina da Anhanguera, a famosa rodovia paulista. Lá eu trabalhava feliz, juntamente com mais cinco moças e dois rapazes. Os dias passavam lentos e tranquilos, até demais, diga-se de passagem. Certo dia, porém, era evidente uma agitação entre os frentistas do posto. E com meu aguçado (e curioso) ouvido descobri a razão: uma moça loira que, do banco de carona de um caminhão, havia passado para a cama do caminhoneiro e por fim havia sido encontrada no acostamento da Anhanguera, assassinada! E agora passava seu tempo no outro plano aterrorizando os motoristas que dirigiam pela rodovia, inclusive durante o dia: segundo os relatos, ela pedia carona com seus cabelos loiros esvoaçantes e seu lindo vestido todo branco. Ao adentrar os veículos que paravam para ajudar a pobre moça, via-se sua palidez cadavérica e seu nariz tampado com chumaços de algodão. As últimas informações testemunhavam terríveis visitas suas em banheiros de postos de combustíveis.

Inspirada por esses ocorridos, levei para o trabalho uma peruca loira, uma túnica e algodões brancos. Pedia para um dos rapazes do posto perguntar por mim a alguma colega do escritório, escondia-me no banheiro e lá mesmo me paramentava. A primeira que saiu a me procurar foi direto até o banheiro ao meu encalço: lá estava minha primeira vítima. Apareci ressonando sons fantasmagóricos e o susto foi tão grande que ela quase desmaiou, mas a convenci em se tornar minha cúmplice para que eu fizesse isso com as demais. O único problema dessa minha pequena peça de terror era que quando voltava para casa, à noite, eu mesma não conseguia dormir. O tempo acabou desmascarando as duas farsas, a da loira assassinada (uma invenção de algum caminhoneiro desocupado) e a da minha temida loira do banheiro.

Os dias foram se passando sem novidade alguma por um longo período, até que em uma tarde fria, recebi a notícia do falecimento de uma tia por causa de um acidente de carro. Apesar de tê-la visto pela última vez quando criança e pouco me lembrar dela, acompanhei meus pais ao velório.

Noite adentro, enquanto participava de uma conversinha ao pé do caixão, uma das irmãs da defunta comentou que ela, quando viva, dizia que fazia questão de ser enterrada com meias finas, o que não tinha acontecido. "Gostaria de realizar esse desejo dela", disse a mulher enlutada ao mesmo tempo em que tirava as meias de dentro de sua bolsa, "me ajuda a colocá-las agora antes que seja tarde demais?". Olhei para o meu pai com a esperança de ele proibisse terminantemente essa sandice, o que não aconteceu. Em um misto de solicitude e terror, fui caminhando lentamente até o caixão para aperfeiçoar o look da caprichosa falecida como um último ato de caridade. Então respirei fundo e, instruída a segurar a perna cadavérica levemente elevada, fomos colocando as meias. Tentei fazer o mais depressa possível para não causar escândalo caso alguém chegasse, mas, principalmente, para sair logo daquela situação absurda. Apesar de ter quase desfalecido de desespero e de ter passado meses sentindo as mãos geladas, as meias caíram muito bem na vaidosa finada que pode descansar em paz e (mais importante) bem arrumada.

Mais tarde, ao voltarmos para nossa casa, meu pai agradeceu dizendo-me ter sido um gesto nobre da minha parte, além de ter demonstrado coragem e destemor. Percebi o deboche. Ele nunca ficou sabendo que minhas noites, a partir de então, se tornaram conturbadas. Meu medo, que nesse ponto da vida já era crônico,

me fazia ouvir barulhos estranhos pela casa, descarga no banheiro sem que houvesse uma pessoa viva lá dentro para acioná-la. Se eu conseguisse adormecer, lá vinham os pesadelos sobrenaturais que faziam eu mesma soltar gemidos fantasmagóricos, aí sim fazendo a casa inteira acordar e se assustar com eles. Não raro minha esbafo-rida mãe aparecia toda sonolenta e descabelada para me salvar dos gemidos que eu mesma produzia enquanto sonhava. Chegou um ponto que ninguém mais se importava nem vinha em meu socorro.

Noites mal dormidas à parte, absolutamente nada mudava no bairro em que morávamos. Cinco famílias extremamente numerosas povoavam o local: todos se conheciam, obviamente, e, aos poucos, também nós (família de forasteiros) fomos conhecendo a cada uma delas; apresentações cá, apresentações acolá, acabei me engraçando por um belo regazzo descendente de italianos. Não só me engracei como também comecei a namorá-lo.

Para minha grande surpresa, havia um costume local de que, quando alguém do bairro morria, todas as famílias (sem exceção) marcavam presença no velório. Meu namorado sempre fazia questão que eu o acompanhasse juntamente com a sua família a esse fúnebre hábito. “É de bom tom”, dizia. Para o meu azar, morria-se muito à época. Foi então que comecei a perceber o quanto sentia pavor dessas cerimônias. Dado meu histórico com elas, não podia ser diferente. Para evitar a todo custo um contato visual com o caixão – ou com o morto dentro, claro –, encontrava um ponto fixo na parede, e passava toda a despedida olhando para o nada, contando os segundos para que quem se despedisse dali fosse eu. Meu namorado, tendo percebido meu comportamento glacial, quis logo se inteirar de por que eu agia daquela forma. Então

confessei meu medo. Acredito que ele não tenha dado a devida importância já que continuei constantemente recebendo seus convites para esses encontros sociais no cemitério.

Quando já me encontrava casada com o mesmo atencioso rapaz, nós participávamos de um grupo religioso na cidade vizinha. Em uma das reuniões fomos informados de que um retiro espiritual estava sendo programado e o tema era: vencendo os medos. Por motivos óbvios fiquei interessadíssima, mas com um casal de filhos bem pequenos em casa, a probabilidade de eu conseguir participar não era das maiores. Para tentar sanar esse empecilho, as mulheres do grupo se dispuseram a me ajudar a cuidar da minha filha bebê durante o evento a fim de que eu pudesse participar com mais tranquilidade. Com esse auxílio, resolvi deixar meu filho mais velho aos cuidados do pai e parti, então, para o retiro. Mal conseguia esconder minha ansiedade durante todo o caminho.

O local, ao qual cheguei no início da noite, era uma chácara afastada do centro urbano, utilizada exclusivamente para cursos e retiros. Por volta das onze horas, após o jantar e uma palestra introdutória, percebi certa movimentação do lado de fora da casa em que me encontrava. Fui até a janela e vi um pequeno grupo se afastando da chácara, rezando o terço. Apesar de ter estranhado não ter sido informada dessa atividade, afastei esse pensamento e fui até o quarto onde estava instalada para amamentar minha filha. Logo em seguida, dormimos.

Na mesa de refeitório que escolhi para tomar o meu café da manhã no dia seguinte, estava uma jovem que me disse ter feito "a experiência" durante a madrugada. Imediatamente me recordei da procissão da noite

anterior e a questionei se “a experiência” tinha alguma coisa a ver com isso, e recebi uma resposta afirmativa. Para minha surpresa, antes de ela se retirar, me disse com toda simpatia: “Espero que você também aproveite hoje à noite.” Antes que pudesse terminar de mastigar meu pão para perguntar “aproveitar o quê?”, ela já tinha virado as costas e saído de perto.

Atravessei todas as palestras e refeições do dia com essa curiosidade martelando minha cabeça. Finalmente, após o jantar, fui avisada que deixasse minha filha e seus apetrechos com uma das moças do quarto porque em cerca de uma hora participaria da “experiência”.

Sáímos em cinco, mais a diretora espiritual. Andávamos em uma estrada de terra num completo breu. Percorremos o início do trecho rezando o terço. Íamos percorrendo sobre os assuntos das palestras quando de repente paramos: estávamos ao pé de um morro com uma plantação de eucalipto em sua base. Ao atravessarmos o eucaliptal, vi, do nosso lado esquerdo, uma cruz branca de cerca de um metro e meio. A lua clareava esplendorosamente todo o local, tanto que nenhuma outra fonte de luz se fazia necessária. Perguntei sobre a cruz e foi-me dito que se tratava de uma das catorze que encontraríamos ao longo da subida do morro; ninguém me disse exatamente o porquê da presença delas ali, mas isso não tardaria a acontecer.

E, depois de tanta espera, iniciou-se a explicação sobre o que era a tão falada “experiência”. Nossa diretora espiritual disse que, na noite anterior, tinham trazido uma moça que teve um aproveitamento muito satisfatório e, já sabendo de antemão do meu histórico de paúras, esperava que também o fosse para mim. “Vou dizer o que vai

acontecer e, caso não queira, não precisa continuar; costumamos fazer isso pelo menos uma vez ao ano para ajudar jovens a perderem o medo de mortos, o mesmo que você tem.” Uma coruja piando saiu voando espalhafatosa de uma árvore, fazendo todas nós saltarmos e darmos gritos histéricos. A diretora manteve a seriedade com seu olhar severo.

Depois que todas nós nos acalmamos, levemente acabrunhadas, ela continuou: “Vou explicar tudo aqui, no início das cruzes, pois ao começarmos a subir, deveremos permanecer em silêncio para não chamarmos a atenção de cães que costumam vagar por aqui. Após passarmos pelas catorze, chegaremos a um cemitério atrás onde estão enterradas irmãs falecidas de um antigo convento que aqui havia; lá rezaremos pelas almas das mesmas e sairemos. Você permanecerá. Deixaremos você sozinha da mesma maneira que viemos, em silêncio. Você deverá permanecer lá por, no mínimo, meia hora e só então voltará para casa, em silêncio. Medite sobre o que ouviu nas palestras, reze mais pelas almas das irmãzinhas, reze pelo seu medo. Caso não consiga, poderá voltar quando bem entender, mas vai voltar sozinha de qualquer forma. Agora é com você, aceita?” Estávamos em frente a um enorme portão de ferro fundido e, através dele, era possível ver o pequeno cemitério. Como eu não respondia, foi-me perguntado mais uma vez se eu iria aceitar. Respondi afirmativamente. Uma a uma e, em silêncio, me deixaram só, entre os túmulos. Ouvi o portão se fechar. Comecei a tremer tanto que o terço caiu da minha mão, minhas pernas não conseguiam segurar o meu corpo e meu coração estava disparado. Fiz, pois, como me instruíram, e comecei a meditar sobre as palestras que ouvira, todas baseadas no livro do nosso bispo e também sobre a vida e a morte.

Sinceramente não sei quanto tempo fiquei ali, só sei que, aos poucos, fui tomada por uma paz inexplicável. Olhava para aquelas cruzes imaginando a história de vida de cada uma daquelas irmãzinhas que deixaram tudo para amar Jesus e subir os degraus da vida de perfeição.

Depois de rezar um Rosário, desci em paz o morro, observando aquelas cruzes e lembrando a Paixão do Senhor. Continuei caminhando pela estrada na madrugada cálida e enluarada. Não havia pensamentos em minha mente, queria aproveitar aquele momento. Não tinha pressa de chegar, por isso fui caminhando muito lentamente. Enfim, cheguei à chácara e encontrei minha filha dormindo na mesma cama que minha colega de quarto, Celeste: dois anjos. Exausta, logo peguei no sono também.

Donizete
Saraiva Deolindo





*Nós devemos ser o que somos.
Ter aquilo que bem merecer”*

José Rico

Natural de Castilho-SP. Reside em Louveira desde 1983. Poeta e compositor com participação em outras coletâneas e com textos publicados em jornais.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 26, tendo como Patrono José Rico.

Barriga

*V*ocê me falava de amor,
Eu te dizia não é legal.
Diante disso eu questionava,
Não está sendo desleal.
É que eu te achava apressada,
No entanto dava risada,
Ah, pra mim isso é normal.
Certa vez a repreendi,
Ao te achar irresponsável.
Respondeu-me só estou querendo
Juntar o útil ao agradável.
Namorados recentemente,
Você toda sorridente,
Eu meio que desconfortável.
Não que eu não te amasse,

Mas, no entanto, tão precipitada.
Agora já falava em casamento,
A cada dia mais apressada.
Eu, que já sou gato escaldado,
Em um detetive bem-disfarçado,
Comecei as minhas investigadas.
Existe um velho ditado
Se ouve quase todo dia.
Quando a promessa é demais,
Até o santo desconfia.
Se bem que desconfiei a tempo,
Eis um dos exemplos
A baita da hipocrisia.
Só para encerrar este poema.
E dizer que não de liga.
Distanciei-me dela de boa,
Sem desavença, sem briga.
O esquema foi desmascarado,
E que do seu ex-namorado,
Ela já havia engravidado,
E por trás de tanto entusiasmo escondia uma barriga.
Vai pela sombra amigo.

Devolva a mesma, pro chão!

Carregue contigo a mansidão.

E, antes de apontar o dedo,

Mergulhe na reflexão.

Nós somos sujeitos a quedas,

E, antes de atirar pedras,

Devolva a mesma pro chão.

Vai pela a sombra amigo,

Da paz e da calma.

No terreno fértil do amor,

Plante paz e harmonia.

Faça isso de bom grado,

Respeitando o solo sagrado,

Com gratidão e sabedoria.

E quando chegar a colheita,

Na hora certa irá receber.
O prêmio e a recompensa,
Dos quais fizeste por merecer.
Vai pela sombra
É só força de expressão,
Pois é no sol irradiante da boa ação
Que devemos permanecer!

Mamãe

Mãe é um amor sem limites.

A dor de ver um filho sofrer

É o que lhe deixa mais triste.

De alma e coração acolhedor,

Que só no amor consiste.

Mamãe é um afogo bendito,

Plenamente, abastecida de amor.

O beijo da mamãe é essência,

Extraído da mais bela flor.

O gracejo da mãe é chama inapagável,

Constantemente brotando do seu interior.

O seu olhar é resplandecente,

Mulher graciosa bendita semente,

Um dom gratuito do criador!

O colo da mãe é repouso invejável,

O sorriso de mãe é anjo de ternura.
As atitudes dela são árvore frondosa.
Onde encontramos a alegre doçura.
A sua vida, um campo sagrado,
Permanentemente por Deus visitado.
Cobrindo de bênçãos a bela criatura.
A mãe traz na alma a generosidade,
E, na ausência do pai, faz duplo papel.
Os seus conselhos são dádivas divina,
Mandados pra terra, presente do céu!
A casa da mãe é sem comparação,
E o seu coração é feito um carrossel.
Jamais permite alguém ficar de fora,
Alguém que a mãe tanto adora.
E feliz de quem pode saborear desse mel.

Eleide Reges





*“Eu sou muito otimista, muito.
O Brasil é um país com
uma força enorme. Nós um
continente... com um
povo extraordinário”.*

Jorge Amado

Natural de Assis-SP. Reside em Louveira desde 1971. Graduada em Letras e em Docência do Ensino Superior, com Pós-Graduação em Gestão Escolar. Foi Secretária de Cultura, Esporte e Turismo na Prefeitura de Louveira. Escritora, com obras publicadas em outras coletâneas.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 27, tendo como Patrono Jorge Amado.

Cheia de Sonhos

*P*oesia e um mundo de magia.

Cheia de sonhos e nasce no acaso.

A poesia não cobra e não esmaga.

Um sorriso, um abraço e um suspiro.

São preciosos e te deixam longe dos desvios.

Mergulhe na sua mente, novos sonhos.

Eu não quero ser só um retrato.

Na estante de alguém.

A alegria não mora no futuro.

Hoje e sempre.

Deixe seu jardim sempre florido.

Escale sempre sua montanha.

As pedras que atrapalham sua estrada.

Poderão enfeitar o amanhã da sua caminhada.

Tenha um compromisso de vida renovada.

Deixe as gotículas de orvalho te banharem.

Que a tristeza não o convença.

E a alegria faça morada.

O Sabiá

A primavera chegou.

Coloriu o meu quintal.

E o sol soprando um vento quente.

Trouxe também consigo um sabiá.

Festejando com alegria.

Todos os meus sonhos.

E o sabiá de aparência inocente.

Feliz saltitando.

E me convidando.

Com sua graça e seu canto.

Espalhando encanto

Da criação divina.

Assim cantam os sabiás.

E eu admirando sua beleza.

Com muito amor com a natureza.

A felicidade permanece.

A alvorada alegre resplandece.

E a relva rejuvenesce.

Erick Rolf





*"Tupi or not tupi,
that is the question"*

Oswald de Andrade

Natural de São Paulo – SP, foi criado na primeira infância na Alemanha e reside em Louveira desde 2002. Formado em administração de empresas, atua como especialista no desenvolvimento humano.

Escritor, com temáticas voltadas para reflexão e despertar, acreditando que a escrita e textos poéticos são formas de tocar e influenciar as pessoas e suas almas, no sentido de possibilitar outras situações.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 04, tendo como patrono Oswald de Andrade.

Estímulos de Preenchimento

*M*uitas vezes o ser humano

Se perde em sua busca

Por algo indeterminado

Seguimos rotinas sem destino

E buscamos destinos sem seguir rotinas

Descobrimos estímulos que nos agradam

Às vezes, nos viciamos e queremos cada vez mais

Como se fôssemos preencher vazios internos

Que se expandem

A carência é a falta de algum estímulo que nos fez bem no passado

"A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original", disse Einstein

Talvez a capacidade de sentir possa ser expandida e, ao retornar a um tamanho menor, cause o sentimento de vazio.

Qual estímulo estamos buscando repetir para preencher?

O que de fato deveria estar nesse espaço que buscamos preencher?

E se não pudermos mais receber os estímulos que causaram essa expansão emocional?

Como nos completar?

Como preencher um vazio de maneira duradoura?

Quantos mais estímulos temporários serão necessários para que uma nova busca comece?

Como se preencher a si próprio?

Linda Triste Poesia

*D*izem que a poesia é bonita por ser triste
Não quis acreditar quando escutei
Mas minha a vontade de escrever existe
Quando a dor no meu peito não calei
As rimas às vezes simples, dor, amor
Sentimentos complexos, paixão e saudade
Sentimos o frio da ausência do calor
Como se déssemos a mão para a ansiedade
E aí vem a escrita: ah, que texto lindo!
Mal sabem a dificuldade de escrever
Com tanto sentimento indo e vindo
Mas isso vai passar, você vai ver
E as boas lembranças vão ficar
Pois há coisas que não tem como esquecer
E creio que seja melhor ter e perder
Do que de fato nunca experimentar as mais diversas
formas de amar.

Medo

Quem ainda não passou por ele?
Proteção?! Calma, ainda é cedo...
Quanto podemos confiar?
O que seria de nós sem ele?
Limitação?! Com ele também não cedo!
Quando devemos o largar?
Talvez tenha eu sido por ele tomado
Fugindo do futuro
Talvez pelo que me aconteceu no passado
Sonhos roubado, isto é muito duro
Minha vez, superar ou paralisar
Sua vez, separar ou continuar
Palavras
Muitas vezes não comunicam nada

Outras falam mais que deveriam
Amargas
Incomodam mais que água parada
Outras alegram mais que imaginam
Lamento
Ter medo às vezes
Perdão pela dor desse momento
Alimento
O lobo errado mais vezes
E Coração que sente o afastamento.



Fatima Lisboa





*“O sucesso nasce do querer,
da determinação e persistência
em se chegar a um objetivo.
Mesmo não atingindo o
alvo, quem busca e vence os
obstáculos, no mínimo fará
coisas admiráveis”.*

José de Alencar

Natural de Cianorte-PR reside em Louveira desde 2000.

Formada em Letras pela Faculdade Padre Anchieta e Pós-graduação em Gestão Arquivista pela Fundação de Sociologia e Política. Escritora com participação em diversas coletâneas. Funcionária pública na Câmara Municipal de Louveira desde 2004, ocupando várias funções, com destaque na coordenação da Biblioteca “Estudante Willian Bassi”.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 39, tendo como Patrono José de Alencar.

Centros, uma lenda

Estávamos a caminho do sítio da tia Júlia para passar uns dias de férias. Ia eu e mais três primos. Eu era quem dirigia, porque os outros eram todos menores: Carla com 12 anos, Pedro 16 e Jonathan 15.

Passávamos em uma estrada de terra com muitas árvores nas laterais que pareciam se abraçarem de tão entrelaçadas que estavam pelos seus galhos, formando um corredor de sombra que apenas era quebrado pelo penetrar dos raios de sol.

Eu havia visitado o sítio e conhecia o caminho, mas naquele dia parecia estar tudo diferente, o que me deixou preocupada. De repente senti um solavanco forte, parei o carro e constatei que o pneu havia furado. A estrada estava deserta, não se ouvia nenhum ruído, somente nós estávamos lá. Carla que era menor começou a ficar com medo e sentiu vontade de ir ao banheiro.

Já era o entardecer e comecei a ficar preocupada por não conseguir trocar o pneu. Pensei em ligar, mas o celular não dava sinal.

Saímos à procura de um lugar para Carla poder usar

como banheiro. Estávamos todos apreensivos, o lugar estava deserto, não se ouvia barulho de nada, a não ser o som da natureza.

Caminhamos um pouco e avistamos uma rocha de onde ouvíamos barulho de água. Aquela região era bastante montanhosa havia muitas cachoeiras onde as pessoas costumavam ir nadar e passear a cavalo.

Chegamos perto da rocha e percebemos que era uma pedra muito clara, parecia ser branca, possivelmente, eram os raios do sol que naquela hora estavam se pondo. Demos a volta e nos deparamos com uma paisagem fantástica: havia um lago no pé da rocha da qual escorriam águas cristalinas dando para ver os peixes dançando entre os pedriscos no fundo do lago. Ao redor dele, havia muitas árvores floridas e o chão estava forrado com as flores caídas, por ser fim de primavera. O colorido era recíproco no chão e na copa das árvores, eram estonteantes os fragmentos das cores no lago. Ficamos embelecidos com a visão daquela paisagem e com a sensação de estar em um deserto escaldante e se deparar com um oásis!

De repente, por detrás da rocha, apareceu um homem de estatura baixa, usando calça curta, camisa de botões e um colete; nariz saliente, poucas rugas, cabelos grisalhos e falhos, orelhas pequenas e uma fisionomia simpática, andava apoiado em uma bengala que parecia ser um galho de árvore bem desenhada.

Aproximava-se e ficamos sem saber se saíamos correndo ou ficávamos esperando ele chegar. Mas não conseguimos sair do lugar, faltaram forças em nossas pernas.

– Vocês estão perdidos? – perguntou o homenzinho.

– Não, só estamos procurando um lugar para usar como banheiro. – A esta altura Carla já havia perdido a vontade.

– O senhor mora por aqui? Podia nos informar se há algum telefone por perto? Precisamos de ajuda. O pneu do meu carro está furado.

O senhor, com um leve sorriso na face, respondeu:

– Já está anoitecendo, vamos até minha casa, vocês passam a noite e amanhã bem cedo procuram ajuda.

Fui obrigada a aceitar, meus primos estavam apavorados.

Caminhamos até a pequena casa. Era feita de madeira, troncos de árvores que mais pareciam ter crescido ali... Havia uma pequena porta, uma janela e o telhado eram de palha tão bem trançado que lembrava um chapéu.

Entramos na casa e a cada momento parecia que estávamos em outro mundo! O interior era pequeno, mas aconchegante. Havia uma mesa, um fogão de barro e alguns banquinhos que pareciam cascos de tartaruga. No fogão, que já estava aceso, havia um caldeirão de ferro e os galhos secos estralavam ao se queimarem.

Sentamos à mesa e o homenzinho nos serviu a sopa quentinha. Parecia ser de vegetais e, a propósito, estava uma delícia.

– Desculpe como o senhor se chama? – Lembrei que não havia perguntado o nome dele.

– Centros.

– O senhor mora há muito tempo aqui?

– A vida toda!

– O senhor conhece tia Júlia?

– Sim, ela faz tortas deliciosas! Enquanto Centros respondia meu questionamento, colocando algumas almofadinhas no lugar que iríamos dormir nos encostamos e logo Carla, Pedro e Jonathan estavam adormecidos. Eu estava tensa, era responsável por eles, e não sabia como iria consertar o carro. Também pensei em tia Julia que devia estar preocupada pelo nosso atraso.

Dormia, mas acordava a todo instante com o estralos dos galhos secos no fogão.

Ao amanhecer do dia acordamos. Centro estava preparando a mesa para o café, serviu-nos um café e pães muito bem feitos!

Tomamos o café e já fomos aos despedindo.

– Centros, obrigada pela sua hospitalidade, mas precisamos ir. Tenho que consertar o carro e tia Júlia deve estar muito preocupada, pois deveríamos ter chegado ontem.

– Fiquei feliz por vocês terem aceitado minha hospedagem, me trouxeram alegria. – E abriu a porta.

Quando saímos, não acreditei no que meus olhos viram. A casa de Centros ficava em um vale, rodeada por um campo de vegetação rasteira que parecia nunca ter sido tocada... As flores e folhas estavam orvalhadas pelo sereno da noite e com a leve brisa do vento brilhavam como beijo dos raios do sol do amanhecer.

Seguimos em direção ao carro e, quando chegamos, fiquei surpresa em ver que o pneu já havia sido consertado. Olhei atônita para Centros e novamente notei um leve sorriso misterioso em sua face.

Quando chegamos, tia Júlia nos recebeu com muita alegria e não demonstrou estar preocupada. Então, resolvi falar:

– Tia, desculpe por não ter chegado ontem deixando à senhora preocupada.

– Mas, Anita minha querida, vocês marcaram para chegar hoje.

– Não, tia, nós iríamos chegar ontem! – Respondi surpresa.

Tia Júlia, então pegou o calendário e mostrou que eu tinha marcado, para chegar dia 22 e era 22 no calendário.

Não entendi nada, e contei para ela o que tinha acontecido.

Tia Júlia riu muito de minha história e disse que Centros era apenas uma lenda daquela região e que nós estávamos fazendo uma brincadeira com ela.

Mas eu, Carla, Pedro e Jonathan sabiam que Centros não era apenas uma lenda. E hoje, após esses anos todos, ainda me lembro do aroma da sopa, do sabor do pão, dos galhos secos estralando no fogão. Mesmo que Centros seja uma lenda, foi real para nós naquele dia e permanecerá em nossas lembranças por toda nossa vida.



Gerson Domingos de Oliveira





*“A vida é luta renhida,
que aos fracos abate, e
aos fortes, só faz exaltar”.*

Gonçalves Dias

Natural da capital de São Paulo. Reside em Louveira desde 1995 onde desenvolveu e coordenou um projeto exercendo a função de treinador de futebol voluntário para garotos, no bairro Monterrey. Escritor e poeta com participação em outras coletâneas.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 38, tendo como Patrono Gonçalves Dias.

A Arte de Aprender

*N*ão é fácil como parece, é preciso amor à arte como tudo na vida e muita força de vontade. Depende exclusivamente de você, estude regularmente ampliando os seus conhecimentos e trabalhe.

O poeta tem o dom de escrever poesias lindíssimas, não pode parar no tempo, tem sempre que ler e aprender, aprofundando o seu mundo de inteligência. Sua inspiração de formar poesias tem que estar em trabalho, com a mente concentrada, procurando novas informações.

Grandes obras se constroem na arte de escrever um livro. Tem sempre que estar de bem com a vida com o coração puro. Imaginando formas de trabalho com clareza e certeza de um mundo poético melhor.

Sua mente não pode parar para sair coisas bonitas, no ensinamento das palavras mágicas tem que ter sabedoria. Tem que sempre estar estudando procurando se aperfeiçoar. Estudar é capacitar os seus conhecimentos e enriquecer o seu mundo de inteligência.

Não tenha medo, nunca desista de seu ideal o poeta não briga, nem é violento em nenhum momento. Através

de sua escrita ele faz sua maestria dando resposta sem ofender, com singela educação. Não tem preconceito, é educado com talento e com delicadeza, com a certeza de que fez o melhor.

Aprendeu, foi à luta com confiança absoluta. Um dia se orgulhou de si mesmo. Não tem medo, tem coragem para enfrentar dificuldades em tempos difíceis, nada o abala.

Desistir jamais!

A Vida é uma Dádiva de Deus

*T*em que ser guardada a sete chaves no coração.

É o bem mais precioso que Deus deu para nós.

Seus passos para o crescimento é fazer o bem.

O caminho da liberdade é a beleza, como as andorinhas voando nas tardes de verão.

As borboletas enfeitando os campos e os jardins, as flores deixando as estradas perfumadas.

Um verdadeiro paraíso.

Muitas pessoas, porém, pensam em si próprias, perdem seu tempo. Pensando no seu bem estar.

Pensamos pouco, nem ouvimos nosso coração, não temos sentimentos, parecendo robôs.

Somos inteligentes, mas egoístas, não usamos nossa inteligência para fazer um trabalho social.

É uma questão de fraternidade ajudar quem precisa, as pessoas precisam ser mais humanas e ter mais compaixão.

E serem uma doçura amável com nossos semelhantes.

Temos que ter uma virtude pronta para ajudar ao próximo com mais afeição.

A vida seria bem melhor se a gente estendesse a mão.

Não teria tanta violência, crimes, matança, corrupção...

Que bom se não tivesse nada disso, seria um mundo de paz.

Se não temos essa capacidade e consciência, o mundo está perdido.

Em geral só pensam em guerra, bombardeando, matando inocentes.

Se o branco, negro, amarelo, cafuzo, índio, as nações do mundo, tomarem consciência,

Vamos sentir bem mais alegria, sorrir e ver a luz da vida.

Ensina que caminho a criança deve andar, pois quando for velho não desviará.

E assim viverá praticando o bem e o bem para sempre reinará...

Florzinha do Campo

*D*eus deu a semente, o jardineiro semeou.
Nasceu no campo uma florzinha e encantou.
Florzinha tão delicada, mas amada.
Foi crescendo e ao seu redor nascendo
Lindas florzinhas naquele campo por todo canto.
Naquela imensidão flores de todo tipo.
Até os passarinhos com seu canto gritavam de alegria.
Todos os dias passavam felizes a cantar.
As flores ficavam cada vez mais contentes
Muitas diferentes, mas inocentes.
Carente de amor com o calor do dia.
Só o vento refrescava balançando todas no jardim
Ao entardecer, elas cantavam com sinfonia.
A primavera acompanhava como coral e maestria.
À noite, os vaga-lumes com suas luzes brilhantes.

O campo ficava todo iluminado, se enxergavam
milhares de flores dançando, outras namorando.
Se amando e se beijando.
Serenos caindo, umedecendo seus ramos, fortalecendo.
As estrelas tão longe com suas luzes parecendo
pedrinhas de brilhante cor de diamante.
A lua com seu luar clareando o mundo inteiro.
A sua magia parece outro dia iluminando
Rios, cascata até as matas.
Ao amanhecer o sol nasce com seus raios
Luminosos para brilhar as florzinhas do campo.
O jardineiro começa seu trabalho com as folhas molhadas de orvalho.
Ele é bem conhecido... é o Senhor Jesus!

Giovanni Cunha





*“A Igreja de hoje é melhor
que a de ontem”.*

Elyzeu Queiroz de Souza

Natural de Jundiaí-SP. Reside em Louveira desde o nascimento.

Técnico em Informática Etecav Jundiaí -SP Inglês - Smart Idiomas-2009-2011 e Cultura Americana-2011-2015. Cirurgião Dentista - Faculdade de Odontologia de Araraquara-UNESP-2015. Mestrado(2016-2018) e doutorando(2018-2022) em cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial Unesp. Especialista em Implantodontia e prótese sobre implantes (2017-2019). Linhas de pesquisa em enxertos, biomateriais, imagiologia e cirurgia ortognatica. Trabalhos apresentados, premiações, resumos e publicações científicas em periódicos de grande relevância para a especialidade.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 24, tendo como Patrono Elyzeu Queiroz de Souza.

Ao Pequeno Companheiro

*A*o pequeno companheiro

Desde a época do ócio sobejante

Lembro-me de ti, pequeno novelo de lã negra saltitante

Ainda no tempo de minha tenra idade te vi nascer

Gerando entre mim e ti um afeto que por toda a
vida se fez permanecer

Das memórias que tivemos

Uma ou duas serão poucas a se recordar

Mas como as linhas desse papel insistem a se findar

Quero ao menos que os versos singelos contem um
diminuto do que vivemos

Dos biscoitos após o jantar

Aos latidos e úivos que ouvi-te entoar

Cada trakinagem, suas peripécias!

Insisto, mesmo que com lágrimas, a recordar

Os duelos com os vizinhos caninos

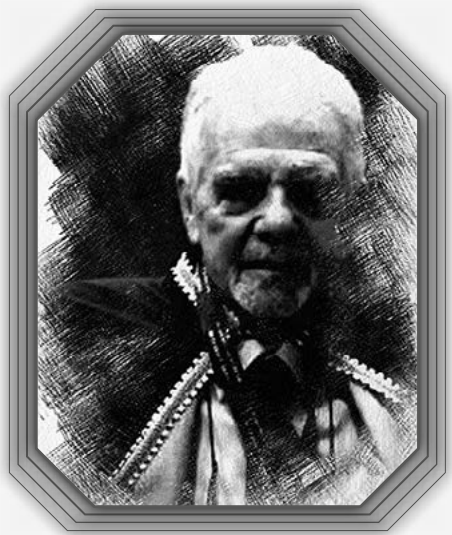
Ah, esses não eram deveras paulatinos!

Penso eu: "Por imponente ou simples vigor?
Nunca saberemos, mas julgo-me teu defensor a
alegar que nunca te mostravas sob temor.
Como não eras perfeito,
Dir-ti-ei teu defeito.
Vindo tu tão sorratamente a esse espaço-tempo.
Porque exauriu sua jornada em tão pouco tempo?
Ah, mas como melancólica se apresentou, a noite
em que seu nobre coração.
Resolveu, por que não?
Entrar no ritmo do compasso derradeiro.
E fechando os olhos para o repouso eterno, nos fez tua
partida lamentar, meu pequeno companheiro.
Dedicação da nossa família ao nosso eterno
Bethouven!
28/12/2004 - 17/11/2019

Jorge Lemos

(in memoriam)





*“É preciso sofrer depois de
ter sofrido, e amar, e mais
amar, depois de ter amado.”*

João Guimarães Rosa

Nasceu em Muqui-ES. Técnico agrícola, radialista, jornalista, publicitário, compositor, historiador e escritor. Fundador da AMLAC – Academia Metropolitana de Letras e Artes e Ciências de Vinhedo.

Foi membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA – Ocupou a cadeira de nº 12, tinha como Patrono João Guimarães Rosa.

O Primeiro Passo

*P*rofundo silêncio se fez naquele instante

O tempo para

E o homem chora

As lágrimas estacam a dor

Sem perder o brilho

Fez-se ali

A luz da esperança

Impassível a natureza dita

Um novo passo para o retorno à vida

Nasce a esperança

Em forma de criança

Lento

O tempo em tempo se revigora

Sem claudicar caminho
Preguiçoso
Geme o Sol entre as ramagens
Despejando o desejo do amar
Brisa perpassa sulcos da face envelhecida
Indo morrer num peito que é só saudade
Eis-me aqui de corpo inteiro
Imaculado
Puro
Um fiel amante.

Mergulhos de amor em águas profundas

*A*s bem suaves vozes entoavam

Um cântico terno de amor sereno

E vós, anjos puros, em mim adormeciam

Sob miríades de luzes que sobre mim faziam

Suave enlevo minha alma acalenta

As alegrias em mim com fulgor se apossam

Louvo o momento de paz que me encanta

Por ter-lhes sempre ao meu lado

A felicidade é nossa

Despojo-me dos andrajos que meu corpo então vestia

Mergulhei em profundas águas que o prazer reverte
Pelas ternas carícias que o momento cobre
Ao lavar as chagas que o passado deixa
Fiz-me de amor e renovei-me todo
Solfejo notas neste coral divino
Tornei-me puro ao compor um hino
De esperança renovar-me todo.

*Júlia
Fernandes Heimann*





*“Tarumeiro – tarumã... crescendo
para o alto, leva em cada ponta,
pontas de amor de cunhã”*

Synésio Ascêncio

Natural do Rio de Janeiro. É escritora e poetisa. Membro da diretoria da Academia Jundiaense de Letras; vice-presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí; vice-presidente do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávares; vice-presidente da Câmara Setorial de Literatura. Membro correspondente da Academia Brasileira de Literatura-RJ; da Academia Amparense de Letras e da Academia Petropolitana de Poesias. Autora de onze livros. Participante de mais de cinquenta coletâneas literárias. Ministra aulas de Literatura e Criatividade Literária no CRIJU. Escreve, quinzenalmente, no Jundiaí Agora.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA, ocupando a cadeira nº 15, tendo como patrono Synésio Ascêncio.

No dia 18 de julho, comemora-se o “Dia Nacional da Trova”, data de nascimento de Luiz Octávio, o Príncipe dos Trovadores.

A trova entrou no Brasil através dos portugueses e o primeiro trovador brasileiro, que se tem conhecimento, foi o poeta baiano Gregório de Matos.

Esse tipo de poesia requer muita arte, sentimento e habilidade pois, em quatro versos, precisa conter toda a mensagem.

Conta-se que um trovador ensinava as técnicas da trova, quando um aluno perguntou:

– Mas só posso colocar quatro versos? Tão pouco!

E o professor respondeu:

– Sim. Coloque talento, se o tiver!

Aqui vão algumas trovas de minha autoria. Algumas foram premiadas em concursos específicos. Trovas não têm títulos, têm temas.

Ei-las:

As águas que batem forte
contra as rochas em
alto mar parecem com
minha sorte: só bateu,
não quis ficar...

Se neste espaço coubesse
tudo o que quero dizer,
cada letra era uma prece
para Deus te proteger!

Vejo muita sintonia
nesta dupla: amor&café
se amornece um pouco
ou esfria, requeentar,
não dá mais pé!

Não foi coragem, foi teste,
e nota dez recebi,
quando te disse,
inconteste:

- Há muito, já te esqueci!
Tomei coragem e gritei,
em voz alta, o mais que
eu pude:
- Vou esquecer que te amei!
Como o sonho nos ilude...

A Justiça é imperiosa para
quem rouba um tostão,
mas se torna mãe bondosa
quando o roubo é de milhão!

Dizem que a Justiça é cega
- ela própria nisso crê -
pois os métodos que
emprega mostram bem
que ela não vê!

Sonhadora eu sempre fui
e, hoje, confesso que errei,
a vida sempre dilui
os castelos que formei.

Chega o outono, é tão triste,
cai a tarde, fria e calma,
lembrando que tu partiste,
deixando a saudade
em minh'alma.

O Carnaval do Brasil
vai do Oiapoque ao Chui
mostrando a dança febril
que o negro deixou aqui!

É tão natural lhe amar
e me traz tanta alegria,
que fico a imaginar:
- Sem você, como seria?

Como emblema
de esperança,
fulgurante, envolto em luz,
no semblante da criança
vejo a imagem de Jesus!

Era uma vez um menino
que não podia enxergar
mas não temia o destino,
tinha Deus para o guiar!

Tristeza, quem te mandou
bater no meu coração?
Não vês que a dor o fechou
e fez cativa a razão?

Procurei felicidade
- numa busca sem ter fim -
e ela estava, na verdade,
latente, dentro de mim!

No Hino da Independência do Brasil, são trovas

Já podeis da Pátria filhos
ver contente a mãe gentil
já raiou a liberdade
no horizonte do Brasil!

Brava gente brasileira!
Longe vá temor servil!
Ou ficar a Pátria livre
ou morrer pelo Brasil!

*Para fechar,
quatro obras de excepcionais trovadores*

Barreto Coutinho

Eu vi minha mãe rezando,
aos pés da Virgem Maria,
era uma santa escutando
o que outra santa dizia.

Belmiro Braga

Quantos mortos trago vivos
no fundo do coração!
E, dentro em mim, quantos vivos
há muito, mortos estão!

Oswaldo Porto

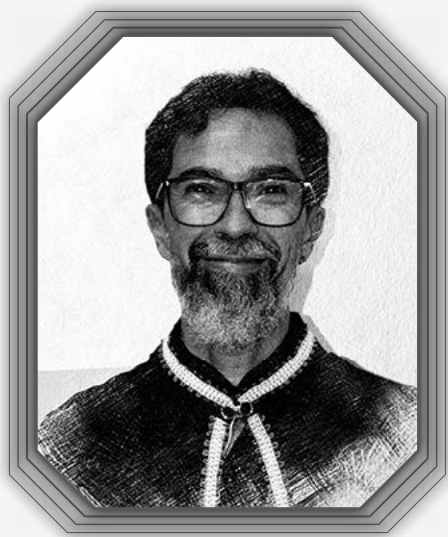
Mas vale a filosofia
de uma trova que diz tudo
que uma longa poesia
sem arte e sem conteúdo!

Manoel Fernandes Filho

Percorrendo ínvios caminhos
com suor, sangue e meus ais,
transformei cardos e espinhos
em frondosos roseirais!

Lourival de Barros Santos





*“Aquilo que está escrito no
coração não necessita de agendas,
porque a gente não esquece.*

*O que a memória
ama fica eterno”*

Rubem Alves

Natural de Recife-PE. Reside em Louveira desde 1987. Trabalha na Biblioteca Pública Municipal Monteiro Lobato – Louveira. Participou com seus poemas da I Coletânea da ALLA.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 31, tendo como Patrono Rubem Alves.

Não Quero mais ser Feliz no Natal

*N*ão quero mais ser feliz no natal, adorava as
brincadeiras , jogos e risadas,

Não quero mais ser feliz no natal,

Não quero mais doces, bolos, bicicletas e linguíça
calabresa

Não quero mais ser feliz no natal, não quero mais
presentes, décimo terceiro, e suas instáveis certezas

Não quero mais ser feliz no natal, me lembra o
Domingo açucarado, cheiro de rabanada, atordoado
em infundáveis proezas,

Não quero mais ser feliz no natal, eu, todo empol-
gado, cheiro de café na mesa, as custas de tantas
durezas de uma vida boa troco suas sutilezas por
uma notícia que sopra um vento bom

Não quero mais ser feliz no natal.

A Dor que Ronda

A dor que ronda a minha sombra não tem me tornado mais forte, pelo contrário, tem balançado as minhas estruturas.

A dor que ronda a minha sombra tem me tornado mais frágil partindo a minha alma e expondo minhas já calejadas fraturas.

A dor que ronda a minha sombra tem me feito naufrago nos oceanos de minhas malfadadas lembranças sendo obrigado a nadar a largas braçadas.

A dor que ronda a minha sombra tem me causado tormentos e de vez em quando pequenos momentos de pequenos branduras!

Sensações

O desenrolar dos folículos rompe poros e pele devastando sangue e ossos.

Surgem impetuosos em riste, rumo a um campo de sensações enfrentando calor e frio.

A força provocada pela fricção dos corpos incendeia a vibração causada pela malemolência.

A ruptura de uma investida deflagrando a morte de uma barreira outrora intransponível.

Varrendo os campos macios de algodão e cetim.

Entrelace de uma união cuja as fronteiras foram colocadas abaixo em uma inundação de suor e lágrimas.

O desejo ardendo em fogo alto faz-se necessário e a fome por tua boca sacia-me em doses homeopáticas.

Envolto a um balé desequilibrado em meio a balbúrdia de gritos e gemidos...



*Marlei
Camanches de Oliveira*





*“Olha-me de novo. Porque
esta noite olhei-me a mim,
como se tu olhaste”.*

Hilda Hilst

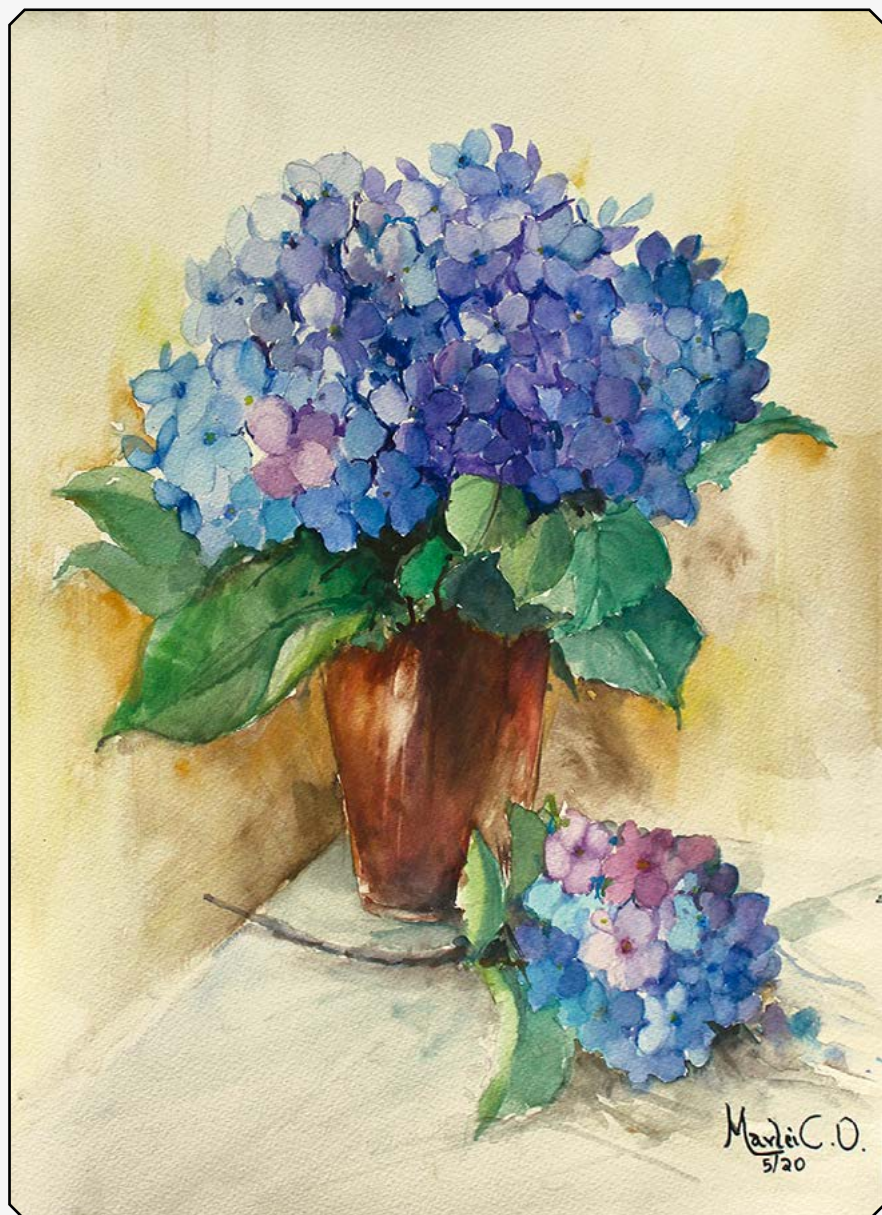
Natural da capital de São Paulo. Reside em Louveira desde 2006. Iniciou suas aulas de pintura em tela e desenho em 1973. Cursou a Escola Panamericana de Artes.

Ministrou aula de desenho e pintura.

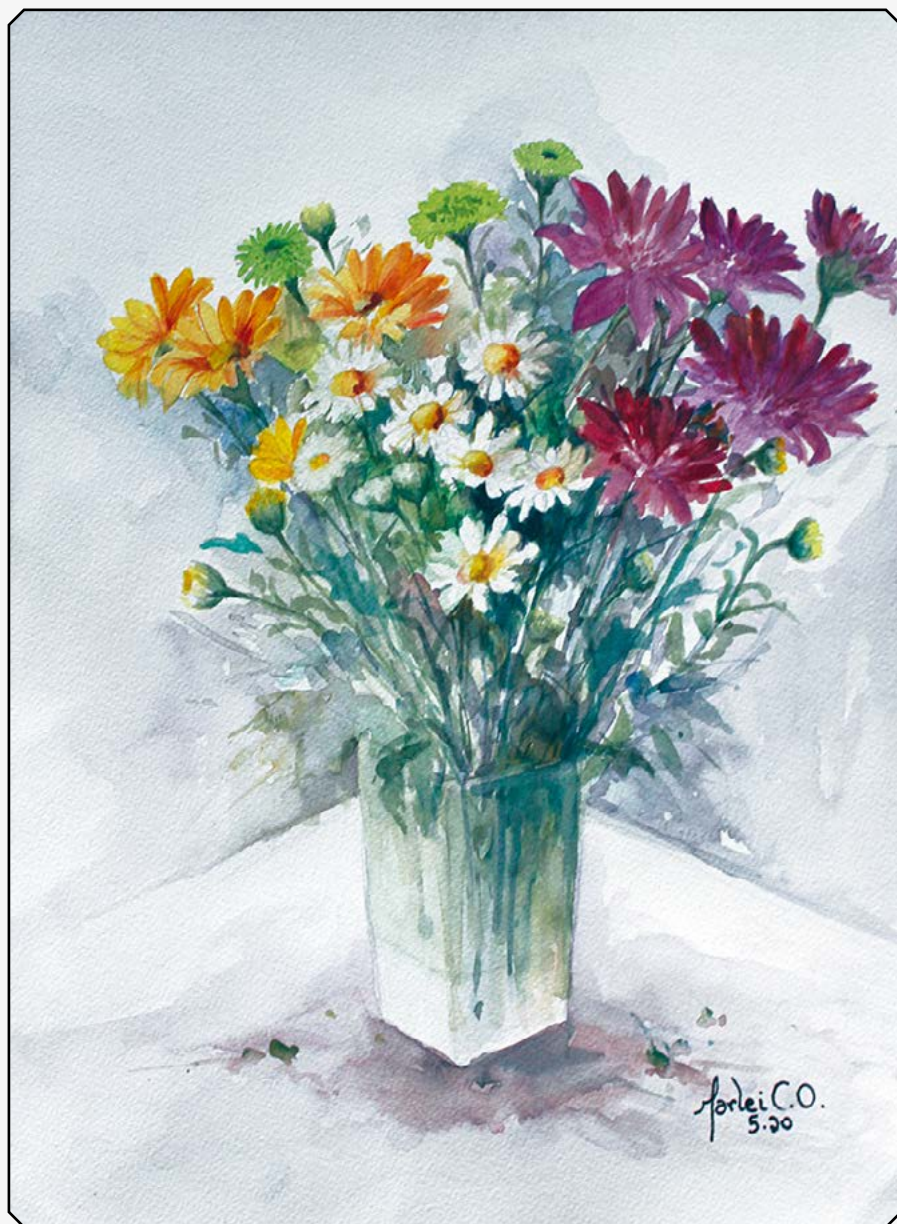
Tem obras premiadas em exposições de artes plásticas.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 06, tendo como Patronesse Hilda Hilst.

Aquarelas









Odete Moscospki





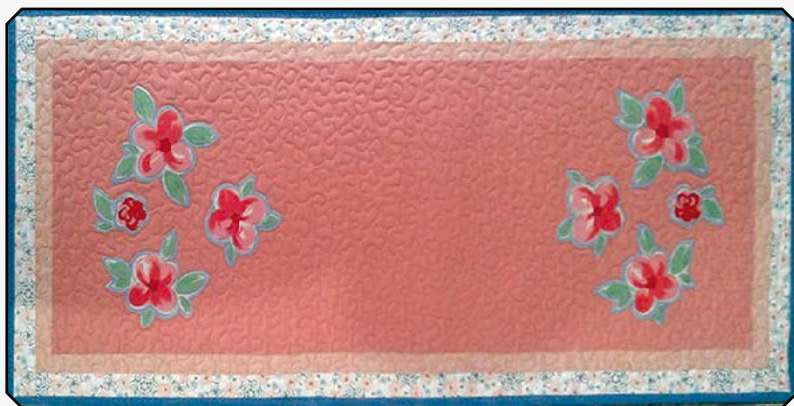
*Antonio Francisco Lisboa
(1730-1814), conhecido como
Aleijadinho, foi um escultor,
entalhador, carpinteiro e
arquiteto do Brasil colonial.*

Natural de Goiatuba – GO. É artesã de bonecos de pano, bordados, patchwork e biscuit.

Reside em Louveira desde 1976.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA, ocupando a cadeira nº 05, tendo como patrono Aleijadinho.

Trabalhos Manuais









*Onides
Mazzo Soares*





*“Tão longe, de mim
distante, onde irá, onde
irá teu pensamento”.*

Carlos Gomes

Natural de Lutécia-SP. Reside em Louveira desde 2005. Escritora, participou de outras coletâneas. Integra os grupos de dança, coreografia, teatro, coral e vôlei adaptado pelo Centro de Convivência do Idoso de Louveira.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 14, tendo como Patrono Antônio Carlos Gomes.

Como diante de tanto mal
Os homens descobrem Deus
Remorso, dúvidas, talvez.
Ou será que os homens
Nunca o procuraram
Agora no desespero do caos
Vivem a procura dele
Invertem-se os papéis
Recorrem a orações e pedidos
Unindo povos e nações
Sentimento de amor ao próximo.
Mas Deus é pai
Ama cada um de nós
Lavando-nos com suas bênçãos

Dominamos o mal.
Onde há bênçãos
Solidão, tristeza não chegam.
Ensina-nos a ser fortes
Como verdadeiros cristãos
Unge-nos com o seu amor
Levanta e fortalece a nossa fé
Ouve-nos senhor!

Robson Persan





*“Escrever é estar no
extremo de si mesmo”.*

João Cabral de Melo Neto

Natural de Uruçuca-BA. Reside em Louveira desde 2008.

Estudante de Graduação em Direito, pela Faculdade Anchieta – Jundiaí. Escritor, participou como diretor na produção de espetáculos amadores. Foi líder do Ministério de Artes da 1ª Igreja Batista do Parque São Rafael. Responsável por adaptar alguns textos cênicos, como: Sarando a terra ferida; O Jesus que eu nunca conheci; Parem o mundo, deixe-me descer; entre outras.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira de nº 36, tendo como Patrono João Cabral de Melo Neto.

Enquanto seu lobo não vem

Enquanto seu lobo não vem

Eu vou correr pras ruas

Vou abraçar quantos eu puder

Amanhã pode ser muito tarde

E os seus rostos já não reconheçam o meu.

Enquanto seu lobo não vem

Vou gritar bem alto!

Escancorar o que o que acredito, não deixarei uma palavra por dizer

Amanhã pode ser muito tarde

E a minha voz não ser mais ouvida, acatada, respeitada, ainda que pelos meus.

Enquanto seu lobo não vem

Vou lamentar os mortos

Divulgar os números dos que se foram e dos que sofrem a perda.

Amanhã pode ser muito tarde

Pode ser que os números desapareçam e nos proíbam de lamentar ainda que seja de maneira velada.

Enquanto seu lobo não vem.

Vou assistir o jornal que eu quiser.

Ler revista que bem entender e subir a hashtag que protesta e da visibilidade as causas do meu povo .

Amanhã pode ser muito tarde.

Calarão a imprensa as hashtag serão proibidas e as revistas serão queimadas ao lado da fogueira dos livros didáticos.

Enquanto seu lobo não vem vou encontrar os amigos, cantar algumas músicas de Caetano, Gil, Emicida e outros mais, que fazem da música um caminho para luz e celebram a arte de pensar.

Amanhã, pode ser muito tarde pode haver escassez de encontros (ou quem sabe de amigos) e o exílio esteja reservado para os que ajudam pensar o mundo, mesmo que através de uma canção.

Enquanto seu lobo não vem.

Vou me reunir com a família, fazer orações, lermos o livro sagrado, entoar músicas em formas de prece.

Amanhã, pode ser muito tarde: ausências na família, perdas irreparáveis, e o livro sagrado pode ser queimado, ao lado das revistas e das pilhas dos livros didáticos, porém mesmo que o lobo chegue, se não entoarmos canções, a família estiver ausente, não lermos o livro sagrado e não fizemos nenhuma prece. Restando-nos apenas um profundo desejo, ou grito calado e ainda um sonho embalado, guardado como segredo em caixa de pandora.

O que Significo

O meu corpo não é blindado

Embora alguns achem que eu resisto mais

O meu sangue não é diferente

Embora alguns achem que talvez reflita a cor da pele que "uso"

Os meus passos são vigiados

Embora muitas vezes me sinta livre

A minha virtude e o meu sucesso incomodam

Embora alguns se aproximem e me digam

Que sou como "eles" (os outros), mas sou diferente

A minha origem me orgulha

Apesar de alguns acharem que eu poderia esquecer de onde vim

Não. Não estou no lugar de privilégio.

Não passei na frente pelo favorecimento da pele

Já quis muito ser outro.

Outra pele, outra cor, outro cabelo.

Ser outros. Simplesmente.

Me comportar de modo que pudesse agradar e ser
aceito

Era tão mais fácil

Eu queria mesmo ser um deles

Pobre criança! Achava que sabia tudo

Meu lugar de falar

Meu lugar no mundo

Tudo isso era um objetivo a conquistar enquanto eu
queria ser outro

Mas vamos muda o imutável?

Como ponderar sobre o imponderável?

Nasci preto e trago em mim todo o substrato de
quem veio com essa condição humana e digna.

Hoje sei quem sou

O que signífico.

Que ninguém me importune, pois não ando sozinho.

Samuel Moscospki





*“E só um cisne, morre na
solidão das horas”.*

José Ademir Tasso

Natural de Jundiaí-SP. Reside em Louveira desde criança.

Ex-Presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA. Escritor e poeta, participou de várias antologias. Teve obras premiadas e publicadas em diversos jornais. Foi um dos idealizadores e fundadores da antiga Associação de Escritores de Louveira. É autor da letra do hino da ALLA. Recebeu moções de congratulações da Câmara Municipal de Louveira.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA, ocupando a cadeira nº 01, tendo como Patrono José Ademir Tasso.

Sonhos Impossíveis

Sonhei que eu era um sabiá
De bico fininho e dourado que
Encantava o mundo inteiro com
O meu meigo cantar.
Sonhei que eu era o sol
E que brilhava juntinho
Com a lua em noites de luar.
Sonhei que era o cordel
Dos poetas do sertão e no
Meio de tantos sonhos impossíveis
Sonhei que eu era o dono do teu
Lindo coração.

Minha terra Louveira

Carrego na minha corcunda o sol e a chuva de teu chão. Por amor às tuas videiras trago rugas em meu rosto e calos em minhas mãos.

Enquanto estivermos ouvindo o anúncio dos que morreram carregamos a certeza de que ainda estamos vivos

A saudade é um pedaço da nossa alma que se perde na nossa vida vivendo.

Do feio casulo nasce a mais linda borboleta.

Louveira este teu nome lindo que carrega as nossas cinco vogais, e também é o nome da árvore que nasce nos matagais.

Nem tudo está perdido porque em velhos rios correm águas novas e em velhos canos enferrujados passa águas limpas.

Um bom vinho vira poesia engarrafada.

A mais linda flor também murcha.

Assim os mais lindos olhos também choram.

Éramos de casas pequenas e de famílias grandes.

Hoje somos de casas grandes e de famílias pequenas.

E só a saudade continua a mesma.

Sandra Regina Rossi





“Não sei... se a vida é curta ou longa demais para nós. Mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.”.

Cora Coralina

Paulista de nascimento, Louveirense de coração.

Advogada e escritora. Premiada em 1º lugar no Concurso de Crônicas e Poesias promovido pela Secretaria de Cultura de Louveira em 2004. Sempre apaixonada pela leitura, desde muito jovem. Publicou alguns de seus trabalhos no jornal da cidade de Louveira, além de participar das quatro últimas coletâneas. Hoje faço do lápis e o papel cúmplices dos meus sentimentos. Adoro ler e escrever é uma paixão. Atualmente é Presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 10, tendo como Patronesse Cora Coralina.

A Chuva Parou

Olhando pela janela da sala que dá para o pomar,

A chuva forte cai e o vento forte arremessa os galhos das árvores de um lado para o outro.

A água da chuva escorre pelo tronco e por todos os galhos e as folhas.

O céu acinzentado se destaca com as nuvens cinzas escuras, como se fosse um degradê, o azul desapareceu.

Após alguns minutos, depois que a tempestade se dissipou, o sol brotou por entre as frestas das nuvens, que agora já eram brancas, iluminando o céu, como se ascendendo à luz.

A chuva para, mas o cenário é simplesmente lindo.

Debaixo das árvores, a chuva parece continuar, e as gotas, que agora eram prateadas pelo reflexo do sol, tocam as folhas e escorrem gotejando até descansarem na terra.

O solo encharcado, repleto de folhas que caíram por causa do vento forte, parece um tapete verde, como se essas folhas suspirassem e se alimentassem das últimas gotas de chuva.

Bucólico e, ao mesmo tempo, lindo esse cenário.

Me delicio com tanta beleza da mãe natureza.

Agora os pássaros ainda escondidos por entre as folhas cantam alegres e felizes pela tempestade que se foi e o calor que volta para secar suas plumagens.

No ar o frescor da brisa suave, perfume de terra molhada.

De repente um beija-flor se aproxima do hibisco e lhe dá um beijo e ligeiramente desaparece feliz por entre o pomar.

O céu agora azul traz o colorido da tarde, para a alegria da vida, que coisa linda....

O Apito do Trem

*L*á vem o trem...

Avisando que está chegando.

Ele aponta lá embaixo e já entoa o seu alerta.

Fooooommm... Fooooommmmmmmmmmmmmmmmm.

E o movimento por sobre os trilhos ecoa.

De novo. Fooooommmmm... Fooooommmmmmmmmmmmmmmmm.

Avisando: estou chegando na cidade.

Para muitos, isso é normal, mais uma vez o trem.

Para outros o trem está vindo, trazendo quem sabe o quê?

Na estação ele não para e segue o seu caminho.

Não há passageiros somente a carga, que ele levou para bem longe daqui.

Que pena, a saudade é grande...

Que vontade de viajar no trem.

O trem se vai levando a minha vontade de um dia voltar a viajar nele novamente.

E eu olhando na curva onde ele já se foi, meus pensamentos gritam...

Volta trem... Volta e me leva com você...

Viver em Louveira

Viver em Louveira tem os seus encantos.

Identificar-se com cada lugar tem os seus mistérios.

Vergar-se à sua história sem esquecer aqueles que de longe

Enfrentam a saudades e tentam construir e criar

Raízes para que um dia faça parte desta terra abençoada.

Espalhar-se entre o Centro e o Bairro.

Mantém o equilíbrio social muitas vezes sem qualquer paridade.

Lacônico seria se deixássemos de falar dos

Oliveira's, Silva's, Bossi's, Niero's, Steck's e Finamore's e tantas outras, famílias que

Unidas, muito fizeram por essa cidade. Hoje um

Verdadeiro oásis de bem viver.

Enfrentar as nuances do dia a dia torna a cidade

Imponente, hospitaleira e mantém a tradição da

Roça com ar de metrópole.

Apaixonar-se por Louveira é muito fácil, difícil é deixá-la.

Sonia Baldo





“Não vou deixar a porta entre aberta. Vou escancará-la ou fecha-la de vez. Porque pelos vãos, brechas e fendas... passam semiventos, meias verdades e muita insensatez”

Cecília Meireles

Natural de Itupeva-SP. Residente em Louveira desde 1981.

Formação Técnica em Administração; funcionária pública durante oito anos em Louveira e desde o ano 2000 em Vinhedo na Secretaria da Fazenda. Compositora, escritora e poeta. Participou de outras coletâneas.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 25, tendo como Patronesse Cecília Meireles.

Graça que transborda

Graça que transborda

É ter um olhar encantado para buscar, transformar e realizar.

Graça que transborda

É avaliar nossas ações e agir com amor e mansidão.

Graça que transborda

É saber lapidar a folha de papel que ganha vida com doces palavras e se transforma em poesia

Graça que transborda

É viver momentos e recomeços

É sentir saudades e paixões

É lembrar lembranças e emoções

É ter a felicidade dos sonhos e desejos

É não deixar passar despercebidos as coisas simples da vida.

Graça que transborda

É deixar prevalecer a fé e a esperança

É contemplar e reconhecer em cada amanhecer o amor de Deus em nossas vidas.

Minhas Meninas

*J*sabella

Com seu sonho cor-de-rosa

Canta e dança e rodopia

É heroína poderosa

É a mais bela bailarina.

Lívia

Tão pequena e tão esperta

Pula e pula sem parar

Deixa a gente boquiaberta

Com as peraltices a brincar.

Vovó volta a ser criança

E rola junto pelo chão

Sou o colo, sou balança

Sou retrato da emoção.

Viro bruxa, viro fada
Dos anões sou o zangado
Elas, as princesas mais amadas
Eu sou o príncipe encantado.
Não tenho a mesma mocidade
Mas esqueço até da dor
É sorriso, é felicidade
É a pureza do amor.
É a vida mais florida
Exalando perfume e beleza
É o meu mundo colorido
Minhas meninas, minha maior riqueza.

Que Seja Suave o meu Querer

*A*s oportunidades que a vida oferece

Com sabedoria quero desfrutar

Fazer da poesia uma prece

E descobrir palavras para emocionar.

Quero contemplar os verdes campos

De mãos dadas com a alegria caminhar

Ao avistar o horizonte

Quero ter a liberdade de voar.

Ao ouvir o hino dos pássaros

Quero a melodia poder cantar

E sobre o manto do jardim em flor

Deixar o meu coração pousar.

Quero romper a porta da escuridão

Deixar a luz do céu entrar

E o mistério escondido
Quero ao mundo revelar.
Meus medos e desafios
Quero coragem para enfrentar
São obstáculos que na vida
Com a vitória quero conquistar.
Que minhas loucuras e anseios
Eu possa dominar
Deixando triunfar a paz
Para meu espírito acalmar.
Quero ver os meus sonhos
Em realidade se transformar
Viver o que a vida propõe
Lembrando que a cada dia é um novo recomeçar.

Vida Escrita

A vida caminha por rumos incertos.

Por muitas vezes camuflada em sentimentos.

Caminha rasgando fronteiras em pedras feridas em infinitos encontros e desencontros, buscando o amor perfeito ancorada na ansiedade e na agonia.

A vida grita em silêncio, procurando se esconder das tempestades, deixando as coisas mais belas e simples serem levadas pela enxurrada e não percebe o pôr do sol que vem para acalmar.

A vida se exalta, sai do recanto e, em um sobressalto, quer recordar e reviver.

A vida que num instante de loucura e desejo quer viver fantasias que borbulham no íntimo do ser.

Vida que nas curvas remansas da caminhada descobre que nada é proibido, que nada é impossível.

Que pode abrir portas para a passagem de sonhos, sonhos que podem serem realizados e mesmo que ainda pareça que os rumos sejam incertos a vida procura encontrar encantos antes que na vida seja hora de ida.

Ubirajara de Souza Tavares





“O objetivo dos museus é educar o homem. Por isso não se entende a palavra museu desligada da palavra educação”.

Geraldo Barbosa Tomanik

Natural de Campos-RJ. Reside em Louveira desde 1960.

Médico Pediatra, formado pela Faculdade Fluminense de Medicina. Especializou-se no curso de Médico do Trabalho pela Faculdade de Medicina de Jundiaí. Formou-se em Direito pela Faculdade Padre Anchieta – Jundiaí. Escritor, participou de outras coletâneas. É autor de dois livros. Vencedor do concurso de contos do Jornal de 2ª Feira-Jundiaí. É Membro da Associação de Artistas Plásticos de Jundiaí. Membro Correspondente da Academia Pedralva de Campos. Membro da Academia Jundiaense de Letras. Recebeu o título de cidadão Jundiaense.

Membro efetivo da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA ocupando a cadeira nº 18, tendo como Patrono Geraldo Barbosa Tomanik.

Tema de Amor

*M*ais entre nós a ausência se avoluma

Na distância que o tempo faz passado;

Mais difícil se torna em ser lembrado

Quando as lembranças fogem uma a uma.

Mais certeza nos fica em ver tornado

O amor de nossas vidas em coisa alguma.

Arco-íris formado numa espuma

Que mãos em conchas creram ter pegado.

Mais entre nós o medo se apodera...

Querendo não seguir, mas prosseguindo;

Tentando regressar, mas ir fugindo.

Mais distante se faz a luz do porto

Que a noite envolve e vai tornando morto

Tão grande amor vivido em longa espera.

Soneto à Mulher Amada

*M*esmo que a voz se torne enrouquecida
Ou mesmo que de sons fique vazia;
Mesmo que a luz aos olhos cesse um dia
E em noite escura se transforme a vida.
Mesmo que a dor me faça companhia
Agora e sempre ao correr da lida,
A chama desse amor será mantida
Mesmo que a mão, de afagos traga fria.
Mesmo não tendo as horas mais serenas
Como as de hoje e ontem, já vividas,
Ainda a crença restará em mim:
Que um dia cessarão todas as penas,
Que nosso amor transcende de outras vidas
E só na eternidade encontra fim.

Paineira

*H*oje revejo de espinhos cheio
O tronco altivo, a copa majestosa
Vestida em flores dum suave rosa,
Quem semente plantara ao bosque em meio.
Depois, espargirá fina e sedosa
Ao vento a paina... e já nem sei se creio
Que alguém recolha com ternura e enleio,
Sonhos sonhando à sombra dadivosa.
Paineira... paina... poeta... poesia ...
Tudo é passado... quem os admira
Se escravo fez-se o Homem a correria.
Perdido em si nem vê sua florada
Nem para pra sonhar ao som da lira
De uns versos de um poeta a doce amada.

ACADÊMICOS ALLA



Ana Laura de
Carvalho Patrão
Cadeira n° 09
Patrono
Ariano Suassuna



Aparecido Bi
de Oliveira
Cadeira n° 35
Patrono
Edilson Caldeira



Armando José
Heimann
Cadeira n° 17
Patrono
Monteiro Lobato



Benedito
Aparecido Corrêa
Cadeira n° 20
Patrono
José Fortuna



Carlos Miceli
Cadeira n° 33
Patrono
Antônio Carlos Jobim



Carlos Tiokal
Cadeira n° 30
Patrono
Noel Rosa



Cida Reis
Cadeira n° 28
Patrono
Carlos Drummond
de Andrade



Darcio Calligaris
Cadeira n° 13
Patrono
Augusto dos Anjos



Diacuí Pagotti
Cadeira n° 16
Patrono
Humberto de Campos



Donizete Saraiva
Deolindo
Cadeira n° 26
Patrono
José Rico



Eleide Reges
Cadeira n° 27
Patrono
Jorge Amado



Erick Rolf
Cadeira n° 28
Patrono
Oswald de Andrade



Fatima Lisboa
Cadeira n° 39
Patrono
José de Alencar



George
Alberto Lemos
Cadeira n° 37
Patrono
Heitor dos Prazeres

ACADÊMICOS ALLA



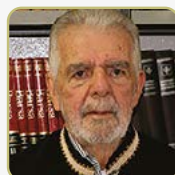
Gerson
Domingos Oliveira
Cadeira n° 38
Patrono
Gonçalves Dias



Giovanni Cunha
Cadeira n° 24
Patrono
Elyseu Queiroz
de Souza



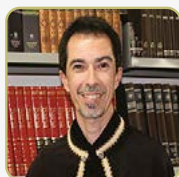
Hercílio Soares
Cadeira n° 23
Patrono
Paulo Autran



Jorge Lemos
in memoriam



Júlia Fernandes
Heimann
Cadeira n° 15
Patrono
Synésio Ascêncio



Lourival de
Barros Santos
Cadeira n° 31
Patrono
Rubem Alves



Marlei Camanhes
de Oliveira
Cadeira n° 06
Patronesse
Hilda Hilst



Odete Moscospki
Cadeira n° 05
Patrono
O Alejadinho



Onides Mazzo
Soares
Cadeira n° 14
Patrono
Antônio Carlos Gomes



Robson Persan
Cadeira n° 36
Patrono
João Cabral
de Melo Neto



Samuel Moscospki
Cadeira n° 01
Patrono
José Ademir Tasso



Sandra Regina Rossi
Cadeira n° 10
Patronesse
Cora Coralina



Sonia Baldo
Cadeira n° 25
Patronesse
Cecília Meireles



Ubirajara de
Souza Tavares
Cadeira n° 18
Patrono
Geraldo Barbosa
Tomanik



**ACADEMIA LOUVEIRENSE
DE LETRAS E ARTES**